



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

GLENDASUELEM MAGNO DUARTE

**Inovação social nos veículos jornalísticos independentes:
um olhar para as narrativas sobre povos indígenas na Amazônia**

BELÉM - PARÁ
2023

GLENDASUELEM MAGNO DUARTE

**Inovação social nos veículos jornalísticos independentes:
um olhar para as narrativas sobre povos indígenas na Amazônia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação.

Linha de Pesquisa: Processos Comunicacionais e Mídiação na Amazônia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elaide Martins da Cunha

BELÉM – PARÁ

2023

GLEND A SUELEM MAGNO DUARTE

**Inovação social nos veículos jornalísticos independentes:
um olhar para as narrativas sobre povos indígenas na Amazônia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

RESULTADO: APROVADO REPROVADO
Data:

Prof.^a Dr.^a Elaide Martins da Cunha (PPGCom/UFPA) - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Netília Silva dos Anjos Seixas (PPGCom/UFPA) - Avaliadora Interna

Prof.^a Dr.^a Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA) - Avaliadora Externa

BELÉM – PARÁ
2023

Dedico este trabalho à minha amada filha, Olívia Sofia (Em memória).
O exemplo da sua força de vontade em querer permanecer nesse mundo
sempre me impulsionará a nunca desistir dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Fazer pesquisa no Brasil é um grande desafio e para concluir esta foi preciso uma vasta rede de apoio no plano físico e no plano espiritual.

A Deus, longe de qualquer clichê, pois sem o Seu auxílio eu não estaria concluindo mais essa etapa da minha vida acadêmica. Foi Ele quem me deu forças para continuar quando eu não tinha mais motivos para seguir. Obrigada, Meu Pai Amado, por ter me ajudado a superar tudo que só nós dois sabemos.

Ao meu marido, Thiago Carone, meu principal incentivador e financiador neste mestrado. Meu melhor amigo e companheiro que se faz presente em todos os momentos da minha vida. Obrigada por acreditar em mim mais do que eu mesma. O seu amor me sustenta e me impulsiona para realização de todos os meus sonhos.

Aos meus pais, Sandra Magno e João Ramos, é muito bom poder dar um pouco de orgulho para vocês e que um dia eu possa retribuir um pouco do muito que vocês, com muito esforço, compartilharam comigo. Vocês foram escolhidos por Deus para guiarem a minha vida.

A toda a minha família, meus irmãos (Wellington Magno, Victor Magno e Alan Rogério), meus sogros (Dalva Iloana e José Pessoa), minhas cunhadas (Flávia Magno e Eduarda Magno) e meus sobrinhos (Maria e Miguel). É muito bom ter a presença de cada um de vocês na minha vida.

À minha querida orientadora, professora Dra. Elaide Martins, por todo incansável apoio que a senhora sempre me dedicou desde a iniciação científica até este momento. Serei eternamente grata por todo suporte, ajuda, orientação e principalmente por lutar por mim em tantas situações burocráticas da academia. A senhora sempre será minha maior referência acadêmica, a maneira como trata cada um de seus orientandos deveria ser regra e não uma exceção.

Aos meus amigos e amigas do grupo de pesquisa Inovação e Convergência na Comunicação (InovaCom). Desde 2017, faço parte deste grupo tão acolhedor e responsável. É muito bom fazer ciência ao lado de vocês. Toda troca e diálogo que tivemos ao longo desses anos, com certeza, tornaram-me uma pesquisadora melhor.

Ao amigo que o mestrado me deu, George Miranda. Sem você esse percurso teria sido tão solitário e triste. Deus te enviou para ser o apoio que eu precisava para seguir em frente. Gratidão por todas as trocas de mensagens desesperadas com medo de não cumprirmos os prazos, por todos os trabalhos que fizemos juntos, pela viagem para apresentar trabalhos que nos aproximou ainda mais, por passarmos juntos pela pré-quali, qualificação e agora defesa. Por incrível que pareça, nós conseguimos. A sua amizade será a melhor lembrança que levarei do mestrado.

Às Professoras Dras. Netília Silva dos Anjos Seixas e Máira Evangelista Sousa que acompanharam e contribuíram com sugestões, críticas, problematizações sempre em tom de cordialidade e respeito acadêmico. Vocês foram essenciais para a construção desta pesquisa desde o início; meu fraterno agradecimento por fazerem parte dessa conquista acadêmica.

À Universidade Federal do Pará e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia por possibilitarem o fazer científico de excelência em nossa região. Estudar no maior programa de comunicação do norte do país é uma honra que levarei para vida toda.

“A inovação no jornalismo pode ser compreendida sob certos aspectos, seja nas formas narrativas, nos processos produtivos, nos dispositivos tecnológicos e/ou interativos ou mesmo nas etapas de circulação e consumo das informações.”

Elaide Martins

RESUMO

Esta dissertação busca analisar e compreender as manifestações da inovação no jornalismo a partir de um olhar para as produções dos seguintes veículos jornalísticos: InfoAmazonia, Agência Pública e Amazônia Real. Ambos se classificam como veículos independentes e priorizam a Amazônia em suas abordagens. A fim de compor o corpus da pesquisa e delimitar a temática investigada, selecionou-se, ao todo, 38 reportagens sobre os povos indígenas na região. Como principais referências teóricas sobre comunicação e inovação no jornalismo, a pesquisa ampara-se nos estudos de Rosseti (2013), Barbosa (2014), Longhi e Flores (2017), Pedro Varoni (2017), Martins (2018, 2021), Longhi (2020), Martins e Sousa (2020), Storch e Feil (2021), dentre outros. Adota-se a abordagem metodológica de natureza qualitativa, por meio dos métodos de pesquisa Estado da Arte, com Norma Ferreira (2002) e Sampaio e Mancini (2007) e Análise de Conteúdo, com Laurence Bardin (2011). A partir dos eixos de inovação identificados no estado da arte, utiliza-se o eixo 'narrativa' como categoria de análise. Com base nesta proposta, procurou-se compreender se esse e/ou outros eixos de inovação no jornalismo estão presentes nas reportagens analisadas e como eles se constituem e se delineiam nessas produções. Partiu-se da hipótese de que os veículos independentes têm uma forma própria de abordar os povos indígenas, voltada para uma narrativa de caráter social que busca valorizar o protagonismo desses povos em suas abordagens. Com isso, os principais resultados apontam para as temáticas 'protagonismo feminino indígena', 'invasão de terras indígenas', 'política', 'resistência', 'covid-19 (saúde)' e 'violência', contribuindo para o entendimento da dimensão social que a inovação desempenha no jornalismo independente.

Palavras-chave: Inovação social no Jornalismo; Veículos independentes; Narrativas; Povos Indígenas; Amazônia.

ABSTRACT

This dissertation seeks to analyze and understand the manifestations of innovation in journalism by looking at the productions of the following journalistic vehicles: InfoAmazonia, Agência Pública and Amazônia Real. The three of them classify themselves as independent vehicles and prioritize the Amazon in their posts. In order to compose the research corpus and delimit the investigated theme, a total of 38 reports on indigenous peoples in the region were selected. As the main theoretical references on communication and innovation in journalism, this research is based on studies by Rosseti (2013), Barbosa (2014), Longhi and Flores (2017), Pedro Varoni (2017), Martins (2018, 2021), Longhi (2020), Martins and Sousa (2020), Storch and Feil (2021), among others. A qualitative methodological approach is adopted, through State of the Art research techniques, with Norma Ferreira (2002) and Sampaio and Mancini (2007), and Content Analysis, with Laurence Bardin (2011). Among the innovation axes identified in the state of the art, we used the 'narrative' axis as a category of analysis. Based on this proposal, we sought to understand whether this and/or others axes of innovation in journalism are present in the analyzed reports and how they are constituted and delineated in these productions. It was based on the hypothesis that independent vehicles have their own way of addressing the matter of indigenous peoples, focused on a narrative of social nature that seeks to value the protagonism of these peoples in their approaches. With this, the main results point to the themes 'indigenous female protagonism', 'invasion of indigenous lands', 'politics', 'resistance', 'covid-19 (health)' and 'violence', contributing to the understanding of the social dimension of innovation in independent journalism.

Keywords: Innovation social in Journalism; independent vehicles; Narratives; Indigenous peoples; Amazon.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Eixo Conceito	30
Quadro 2 - Eixo Tecnologias Digitais	31
Quadro 3 - Eixo Estratégia	34
Quadro 4 - Eixo Empreendedorismo	35
Quadro 5 - Eixo Ensino	36
Quadro 6 - Eixo Narrativa	38
Quadro 7 - Quantidade e Meios de publicação dos artigos analisados	41
Quadro 8 - Categorias de Análise	52
Quadro 9 - Inovação na Narrativa	55
Quadro 10 - Inovação Estratégica	56
Quadro 11 - Inovação como Tecnologias Digitais	57
Quadro 12 - Reportagens do InfoAmazonia	59
Quadro 13 - Reportagens Amazônia Resiste (Agência Pública)	63
Quadro 14 - Reportagens Amazônia Real	64
Quadro 15 - Grupos Temáticos das reportagens analisadas	68

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Logomarca do InfoAmazonia.....	14
Figura 2 - Logomarca do especial Amazônia Resiste.....	15
Figura 3 - Logomarca do Amazônia Real.....	16
Figura 4 - Nuvem de palavras com as palavras-chave dos artigos sobre inovação no jornalismo.....	46
Figura 5 - Esquema da Análise de Conteúdo.....	52
Figura 6 - Reportagens com conteúdos relacionados ao protagonismo feminino indígena.....	71
Figura 7 - Reportagens com conteúdos sobre a invasão de terras indígenas.....	74
Figura 8 - Reportagens com conteúdos de política.....	78
Figura 9 - Reportagens com conteúdos de resistência.....	82
Figura 10 - Reportagens com conteúdos sobre Covid-19 (saúde).....	86
Figura 11 - Reportagens com conteúdos de violência.....	88

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo vem passando por contínuos processos de transformações e crises em seus mais diversos setores, sobretudo, com os impactos da popularização das tecnologias digitais. A fim de superar esse quadro, principalmente no âmbito econômico, muitas empresas jornalísticas estão recorrendo a novas formas de narrar suas histórias. Entre essas apostas, podemos destacar o uso das narrativas multimídia, multiplataforma, transmídia e outras. Tais modalidades são utilizadas pela mídia tradicional e por veículos jornalísticos independentes, a exemplo dos veículos alternativos que têm se voltado para a Amazônia.

A Amazônia é uma vasta região localizada na América do Sul, que abrange territórios de nove países, com a maior parte pertencendo ao Brasil. É considerada a maior floresta tropical contínua do mundo, abrangendo uma área de aproximadamente sete milhões de quilômetros quadrados. A região amazônica é conhecida por sua biodiversidade excepcionalmente rica, com milhões de espécies de plantas, animais e microorganismos. Estima-se que cerca de 10% das espécies conhecidas. Além de sua importância em termos de biodiversidade, a Amazônia também desempenha um papel crucial na regulação do clima global. No planeta habitam na Amazônia. A floresta amazônica atua como um importante sumidouro de carbono, absorvendo dióxido de carbono da atmosfera e ajudando a mitigar as mudanças climáticas. A Amazônia também é responsável pela produção de uma parte significativa do oxigênio (Mapbiomas Brasil, 2023.)

No entanto, a região enfrenta sérios desafios, como o desmatamento ilegal, a exploração madeireira predatória, a mineração ilegal, a expansão da agricultura e a ocupação desordenada. De acordo com Márcio Souza (2015), essas atividades têm um impacto significativo no ecossistema amazônico, ameaçando a biodiversidade e os modos de vida das populações indígenas e tradicionais que dependem da floresta. A preservação da Amazônia é uma questão de importância global, uma vez que suas florestas desempenham um papel fundamental na estabilidade do clima e na manutenção da biodiversidade. A comunidade internacional, governos, organizações não governamentais e outros atores sociais estão envolvidos em esforços para proteger e conservar a Amazônia, promovendo o desenvolvimento sustentável e a valorização das comunidades locais.

Dentre os atores sociais que somam esforços para defender a região, escolhemos os veículos jornalísticos InfoAmazonia, Agência Pública e Agência Amazônia Real. Autointitulados independentes, apresentam, em suas narrativas, questões que envolvem a Amazônia, com ênfase ao meio ambiente e aos povos tradicionais e originários. Com base na análise de reportagens produzidas por esses veículos, seguimos com o intuito de compreender a inovação no jornalismo, uma vez que as produções desses veículos se destacam pela sofisticação e variedade de recursos, como também pela abordagem diferenciada sobre a região. Isso reforça a importância da escolha desses veículos jornalísticos enquanto objeto empírico desta pesquisa.

A fim de delimitar o *corpus* da pesquisa, direcionamos o nosso olhar às narrativas que abordam em suas temáticas os povos indígenas na Amazônia brasileira. Ao todo, foram selecionadas seis reportagens do projeto ‘Amazônia Resiste’, da Agência Pública, produzidas no período de abril a maio de 2018; 18 reportagens da agência Amazônia Real coletadas na aba Povos Indígenas e produzidas no período de novembro de 2021 a julho de 2022 e 15 reportagens do InfoAmazonia, feitas no período de abril a agosto de 2022.

A diferença temporal do recorte se dá pela demanda das fases e desdobramentos da pesquisa, como também em função do que foi produzido por cada veículo sobre a temática. O “Amazônia Resiste” foi realizado pela Pública como um projeto especial em 2018 e devido à sua consonância com o enfoque de nossa pesquisa, consideramos relevante mantê-lo, até porque foi o material inicial que nos impulsionou para este trabalho. As produções dos demais veículos resultaram em ampla busca em seus respectivos sites, desde suas abas ao bojo geral de suas reportagens. Apesar da diferença temporal entre os períodos recortados, buscamos sempre englobar o mês de abril em nossas coletas e análises por se tratar do mês de luta e conscientização das causas indígenas. Ademais, outro elemento que contribui para a homogeneização dos elementos e/ou recortes da pesquisa é o fato dos três veículos priorizarem a Amazônia em suas narrativas e se autodenominarem independentes.

Segundo Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet e Pascual Serrano (2013), existem muitos veículos jornalísticos independentes em todo o mundo que se dedicam a fornecer informações imparciais e investigativas. Esses veículos são

frequentemente chamados de "mídias independentes" ou "jornalismo independente" e surgem em contraposição aos veículos tradicionais. Eles desempenham um papel crucial na sociedade, cobrindo notícias e histórias que muitas vezes são negligenciadas pelos grandes meios de comunicação. Desenvolvem as suas próprias plataformas e criam novos formatos e narrativas, o que pode ser identificado como uma forma de inovação no jornalismo.

O InfoAmazonia é um veículo independente que utiliza dados, mapas e reportagens geolocalizadas para contar história sobre os impactos socioambientais nos nove países da Pan-Amazônia. Já a Agência Pública, apesar de ser sediada no sudeste e não na Amazônia brasileira, geralmente, contrata repórteres da região para produzir seu conteúdo; e a agência Amazônia Real nos mostra esses parâmetros de uma perspectiva de quem vive e produz reportagens na e para a Amazônia.

Figura 1 - Logomarca do InfoAmazonia



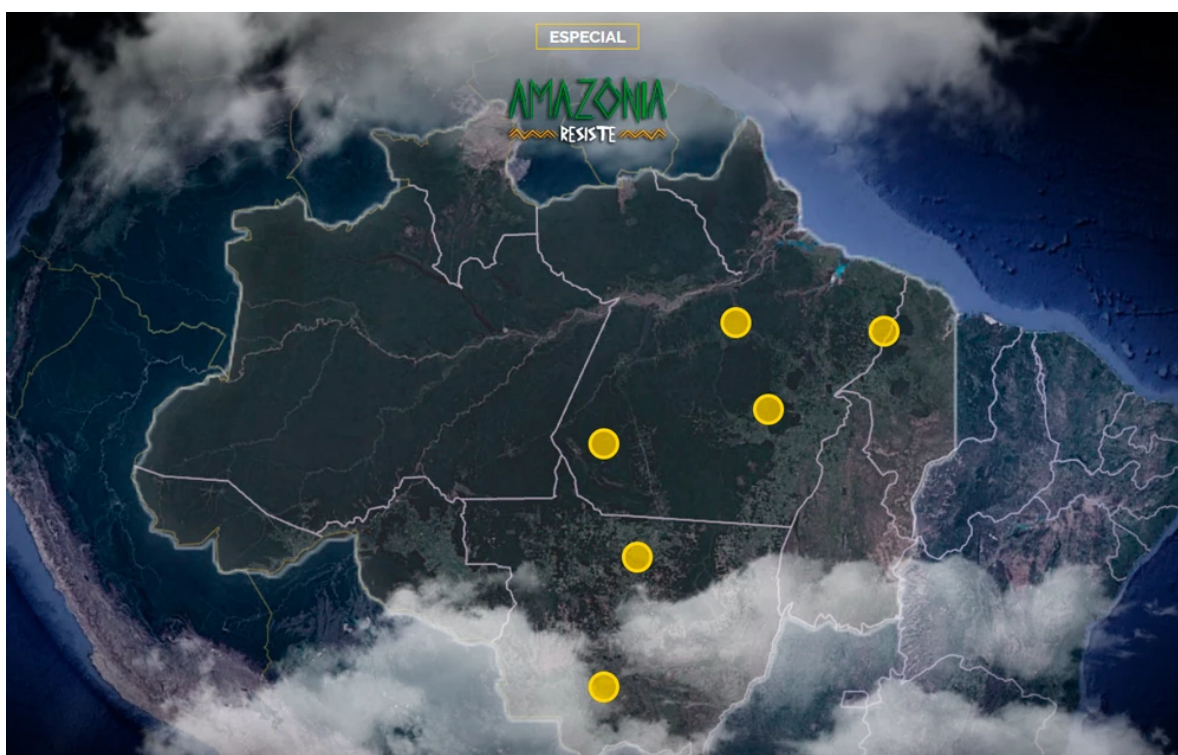
Fonte: InfoAmazonia, 2022

Nesse sentido, selecionamos três veículos jornalísticos independentes: A primeira plataforma analisada será o InfoAmazonia, que desde 2012 estabelece sua cobertura jornalística por meio do Geojornalismo, a combinação de dados geográficos com histórias jornalísticas. As informações usadas pelo InfoAmazonia são renovadas com frequência e estão sempre disponíveis para *download* no site. O

cruzamento dos dados com as notícias pretende melhorar a percepção sobre os desafios para a conservação da floresta, levando em consideração que a Amazônia detém o maior número de espécies vivas em todo mundo e desempenha papel fundamental na regulação do clima regional (InfoAmazonia, Sobre nós, 2022).

O funcionamento da plataforma é colaborativo, em rede e conta com profissionais de várias regiões do país. Já a sua equipe fixa é composta por: Juliana Mori, diretora editorial; Stefano Wroblewski, diretor de tecnologia; Gustavo Faleiros, Co-fundador; Renata Baraçal Perez, gerente administrativa; Mathias Felipe, gerente de desenvolvimento; Laiza Lopes, gerente de mídias sociais; Sílvia Lisboa, editora no projeto PlenaMata; Cristiano Navarro, editor; Fábio Bispo e Jullie Pereira, repórteres em aliança com a Report for the World; Joyce Cursino, coordenadora do projeto Rede Cidadã; Guilherme Guerreiro, repórter e pesquisador no projeto Rede Cidadã; Maria Paula Lizarazo, repórter em aliança com El Espectador; e Leandro Chaves, repórter no projeto PlenaMata.

Amazônia Resiste



Fonte: Agência Pública, 2022.

A segunda é a Pública, uma agência de investigação jornalística fundada em São Paulo (SP) por repórteres mulheres em 2011 e que se autodefine como a primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil. Atualmente, é composta por Direção Executiva: Marina Amaral e Natalia Viana; Direção: Roberta Carteiro, Thiago Domenici e Marina Dias; Editores, Marina Amaral, Mariama Correia, Giovana Girardi, Natalia Viana, Thiago Domenici, Bruno Fonseca; Administração: Roberta Carteiro e Ana Flávia Vieira; Chefe de redação: Bruno Fonseca; Chefe da cobertura Socioambiental: Giovana Girardi; Secretária de Redação: Raphaela Ribeiro; Diretora de comunicação: Marina Dias; Comunicação: Letícia Gouveia, Bárbara D'Oswaldo, Giulia Afiune e Bruno Penteado, dentre jornalistas e pesquisadores que colaboram com a equipe. Comumente, produz reportagens de fôlego, pautadas pelo interesse público. Dessa plataforma, vamos nos deter especificamente ao especial "Amazônia Resiste", que é um projeto de ampla investigação jornalística desenvolvido no ano de 2018.

Amazônia Real



Fonte: Amazônia Real, 2022.

E o último veículo analisado será a agência de jornalismo independente e investigativo Amazônia Real, uma organização sem fins lucrativos criada pelas jornalistas Kátia Brasil e Elaíze Farias em 20 de outubro de 2013, em Manaus, no Amazonas, norte do Brasil. A equipe é composta por uma rede de jornalistas em todos os estados da Amazônia, além de colaboradores, consultores e pesquisadores que realizam um trabalho em parcerias. Esta agência tem como missão principal dar

visibilidade às populações e as questões relativas à Amazônia. Suas reportagens são voltadas à defesa da democratização da informação, da liberdade de expressão, da liberdade de imprensa e dos direitos humanos. A Amazônia Real também defende o protagonismo das populações tradicionais estimulando-as a construir suas próprias narrativas. No site da Amazônia Real existe uma área específica voltada para a divulgação de reportagens que abordam temáticas relativas aos povos indígenas, reforçando a sua importância para a nossa análise.

O interesse para desenvolver esta pesquisa surge da inquietação em tentar entender o cenário de mudanças, destacado por Martins (2018), por qual o jornalismo vem passando no contexto da cultura da convergência (JENKINS, 2009). Cenário este que foi potencializado com o avanço das tecnologias digitais e possibilita uma convergência jornalística resultante de processos mais dinâmicos para a elaboração, produção, circulação e consumo de conteúdo dessa natureza. É nesse contexto que desponta a inovação no jornalismo, objeto de estudo da pesquisa.

Para pesquisadores como Franciscato (2010), Longhi (2017, 2020), Martins (2018, 2021), Martins e Sousa (2020) e Storch e Feil (2021), a inovação faz parte da rotina jornalística de forma abrangente. E apesar do seu conceito, de certa forma, ainda estar em processo de construção no âmbito do jornalismo, as pesquisas sobre a temática já apontam para a utilização de categorias essenciais para a percepção e análise da presença da inovação no contexto jornalístico.

Essa pesquisa também traz a sua contribuição nesse desafio, ao se aprofundar nos eixos de inovação no jornalismo descortinados a partir de trabalhos anteriores (DUARTE, 2021), a saber: conceito, tecnologias digitais, estratégia, empreendedorismo, ensino e narrativa. Inicialmente, partimos deles para a construção de possíveis categorias de análise do material selecionado, mas ao reconhecermos as limitações de certos eixos, devido às suas especificidades, para examinar reportagens, selecionamos apenas os mais pertinentes à análise das reportagens, que foi o eixo narrativa. Buscaremos perceber se essas ou mesmo outras categorias de inovação estão presentes nas reportagens produzidas pelos veículos de notícias selecionados.

Atualmente, no Brasil existem 305 povos indígenas, falando mais de 274 línguas e 114 povos indígenas isolados e de recente contato (APIB, 2023). O recente censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) estima mais de 1,5 milhão de indígenas no Brasil. Eles vivem em diferentes contextos e realidades, sejam vivendo nas aldeias ou inseridos nos centros urbanos eles continuam exercendo a sua cultura e identidade.

Os povos representam 5% da população, mas são responsáveis pela preservação de 82% das florestas brasileiras. Por isso, escolhemos analisar as temáticas envolvendo os povos indígenas, por que eles apresentam identidades plurais e narrativas que devem ser preservadas, compreendidas e respeitadas. Escolhemos como objeto empírico as reportagens sobre os povos indígenas, porque acreditamos que diante de um contexto histórico de invisibilização ou da própria deturpação de suas narrativas em veículos midiáticos tradicionais, os veículos independentes buscam romper com esses padrões.

Nesse sentido, partimos inicialmente da seguinte questão central: *Como a inovação se manifesta nas reportagens produzidas por veículos independentes voltados para a Amazônia?* A fim de homogeneizar o material a ser analisado, decidimos eleger as reportagens que abordam povos indígenas em suas narrativas, o que nos possibilita perceber possíveis regularidades nos aspectos inovadores presentes em abordagens voltadas a nossa região, aproximando-nos, mais ainda, dos interesses temáticos do PPG ao qual esta pesquisa está vinculada.

O principal objetivo desta pesquisa é analisar e compreender as manifestações da inovação no jornalismo a partir de um olhar para as narrativas dos seguintes veículos jornalísticos: InfoAmazonia, Agência Pública e Amazônia Real, ambos se autodenominam independentes e têm a Amazônia como foco. Os objetivos específicos de nossa pesquisa são os seguintes:

1- Realizar um estado da arte do conceito de inovação no jornalismo no Brasil, a fim de estabelecer um panorama dessa produção e compreender os eixos do referido conceito;

2- Relacionar os eixos de inovação percebidos no estado da arte com a proposição de possíveis categorias de análise para se compreender a inovação no jornalismo;

3- Identificar, com base na produção científica enfocada, categorias de inovação que se manifestam nas narrativas a serem analisadas a partir da dimensão social;

A princípio seguimos a hipótese de que os veículos independentes selecionados para essa pesquisa têm uma forma própria de abordar os povos indígenas, uma vez que esses veículos parecem mais preocupados em apresentar o caráter social e o protagonismo desses povos em suas narrativas como forma de resistência simbólica.

Quanto às informações sobre a metodologia e o principal referencial teórico adotados nesta pesquisa, estão contidas na apresentação dos capítulos que faremos a seguir. Estruturalmente, este trabalho desenvolve-se em quatro capítulos, além das considerações finais e referências bibliográficas.

Após esta introdução que se constitui o primeiro capítulo deste trabalho, o **segundo capítulo** destina-se à compreensão do referencial teórico e apresenta um estado da arte do conceito de inovação do jornalismo no Brasil. Para início desta discussão, o tópico 2.1, O que é a inovação e o que é a inovação na comunicação, apresenta o conceito de inovação seguindo as pesquisas de Joseph Schumpeter (1984, 1997) e de Tidd e Bessant (2019), que destacam a vertente clássica da compreensão da inovação pelo viés econômico; e da inovação na comunicação a partir das pesquisas desenvolvidas por Regina Rossetti (2013) e Carlos Franciscato (2010).

Para compreender os sentidos da inovação no jornalismo, o tópico 2.2, Um panorama das pesquisas sobre inovação no jornalismo, apresenta um panorama das pesquisas sobre inovação no jornalismo a partir dos trabalhos de Barbosa (2014), Longhi e Flores (2017), Longhi (2020), Martins (2018, 2021), Martins e Sousa (2020), e Storch e Feil (2021) que apresentam estudos mais recentes e aprofundados sobre o conceito. E o tópico 2.3, Aspectos da inovação no jornalismo nas pesquisas realizadas no Brasil, busca discorrer sobre os aspectos da inovação no jornalismo no Brasil a partir da contextualização teórica do conceito e o 2.4, Eixos de inovação no jornalismo identificados nos artigos pesquisados, demonstra os eixos

de inovação no jornalismo como resultado do estado da arte desenvolvido a partir de levantamento feito por meio da ferramenta Google Acadêmico.

O terceiro capítulo é destinado a apresentar as trilhas metodológicas percorridas até chegarmos aos eixos de inovação no jornalismo e como esses eixos (narrativa, estratégia e tecnologias digitais) se desdobram em categorias de análise. O tópico 3.1, Apresentação dos métodos, apresenta a escolha dos métodos, o 3.2, Categorias de inovação no jornalismo, irá se debruçar sobre as categorias de inovação no jornalismo selecionadas para esta pesquisa e o 3.3, Critérios de escolha do *corpus*, apresenta e justifica os critérios utilizados para compor a escolha do *corpus*.

Para este capítulo, nos baseamos nas pesquisas de Norma Ferreira (2002) e Sampaio e Mancini (2007), tratando sobre o método do estado da arte; Laurence Bardin (2011) sobre análise do conteúdo.

O quarto capítulo diz respeito às principais temáticas identificadas nas reportagens analisadas e destaca a presença da dimensão social enquanto inovação no jornalismo, nele será apresentado, do tópico 4.1.1 ao 4.1.6, a análise do conteúdo das reportagens sobre os povos indígenas coletadas nos veículos InfoAmazonia, Agência Pública e da Amazônia Real e a relação estabelecida entre a categoria de inovação no jornalismo.

O tópico 4.2, A dimensão social que a inovação no jornalismo pode ter a partir da análise dos veículos independentes, irá tratar sobre a dimensão social que a inovação pode ter no jornalismo, percebida a partir da análise dos veículos independentes selecionados. Para este tópico, utilizaremos os trabalhos de Pedro Varoni (2017), Elaide Martins (2021) e Longhi (2020). O tópico também apresenta os principais resultados e contribuições obtidos por meio da interpretação e da investigação possibilitada com essa pesquisa.

Ademais, nos dedicamos a investigar as narrativas que se constituem as reportagens jornalísticas dos veículos selecionados porque acreditamos que a investigação desse conteúdo, à luz dos conceitos de inovação no jornalismo, conforme referencial teórico aqui apresentado, e da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), pode nos ajudar a compreender diferentes aspectos da inovação no que diz respeito às categorias narrativas norteadoras.

Em um cenário convergente, as reportagens jornalísticas estão mudando suas abordagens e os jornalistas, suas formas de produzir e criar conteúdos jornalísticos. A nossa investigação parte de categorias de inovação no jornalismo, utilizando as reportagens sobre os povos indígenas como objeto empírico para chegarmos ao nosso objeto de estudo, que é a inovação no jornalismo a partir delas.

Entendemos também que no cenário no qual a inovação está inserida ocorre uma participação mais ativa do público quanto aos desdobramentos das produções jornalísticas, contribuindo para que ele se sinta atraído por novos formatos, linguagens e experiências proporcionadas pelas narrativas, sobretudo as que exploram elementos mais inovadores. Então, buscamos contribuir teórica e socialmente com esta pesquisa, pois acreditamos que ela também pode ser importante para as empresas e para os profissionais que desejam usar a inovação no jornalismo.

2. UM ESTADO DA ARTE DO CONCEITO DE INOVAÇÃO NO JORNALISMO

Nossas pesquisas demonstram que se torna cada vez mais comum o uso do termo inovação no Jornalismo – e em alguns casos, é utilizado o termo jornalismo de inovação. Para melhor entendermos como estão se desenvolvendo as pesquisas sobre o tema no Brasil, recorreremos à análise de 40 artigos coletados com o uso da ferramenta Google Acadêmico.

De maneira geral, esses estudos apontam para a compreensão dos aspectos da inovação no jornalismo, a fim de melhor esclarecer suas dimensões e funcionalidades enquanto estratégias utilizadas em situações de crises no setor jornalístico, assim como suas concepções teóricas.

A inovação envolve processos, produtos, tecnologia e dentre suas variadas vertentes, a dimensão social visa a identificação de uma necessidade social ainda não contemplada (VARONI, 2017). Ela está presente em nosso cotidiano, assim como o jornalismo, por isso o entendimento dessa relação desperta e necessita do interesse dos pesquisadores da área.

Neste capítulo, apresentamos um estado da arte do conceito construído a partir de buscas realizadas com o uso da ferramenta *google* acadêmico. Utilizado

também em outra pesquisa¹ desenvolvida concomitantemente a esta, esse levantamento foi norteado pelos seguintes questionamentos: como as pesquisas abordam a temática da inovação no jornalismo no Brasil? Quem são os autores que mais produzem sobre a temática? Quais as estratégias inovadoras evidenciadas a partir dessas pesquisas. Para realizá-lo, recorreremos à ferramenta Google Acadêmico, por se tratar de um repositório que reúne uma diversidade de materiais como artigos, teses, dissertações, dentre outras pesquisas.

Buscamos, paralelamente a esse levantamento, entender o conceito de inovação com base em pesquisas que abordam a temática, desde o campo da economia, com Joseph Schumpeter (1984, 1997) e Tidd e Bessant (2019), até o campo do Jornalismo, no qual nos amparamos em autores que já identificaram certas características essenciais para a compreensão da inovação no jornalismo como Carlos Franciscato (2010), Suzana Barbosa (2014), Pedro Varoni (2017), Raquel Longhi e Ana Flores (2017), Elaide Martins (2018) e Maíra Sousa (2020), Laura Storch e Bruna Feil (2021), dentre outros autores. É este referencial teórico que vai embasar as discussões conceituais desta pesquisa.

2.1. O que é a inovação e o que é a inovação na comunicação

Atualmente, a inovação está inserida em um cenário de convergência e, no campo da comunicação, pode ser percebida nos mais diversos setores. Alguns de seus aspectos podem ser observados, inclusive, a partir da elaboração de novos formatos de narrativas, sejam voltadas ao entretenimento, sejam produzidas para o jornalismo, sobretudo situado na internet, ambiência dotada de potencialidades e uma gama de recursos multimidiáticos.

Nesse cenário convergente, Henry Jenkins (2008) afirma que não haverá um único aparelho ou uma única plataforma capaz de transmitir todo o conteúdo (de entretenimento) de um único lugar. O que existirá é uma mídia que estará em todas as partes e os indivíduos usarão todos os tipos de meios de comunicação possíveis relacionando-os entre si, para extrair o máximo de informação possível.

¹ Para mais informações, consultar: DUARTE, Glenda, 2021.

Regina Rossetti (2013) se inspira nas categorias aristotélicas para promover uma discussão sobre inovação na comunicação, amparada no conceito de mudança. A autora propõe uma abordagem que visa estabelecer uma referência para os estudos nessa área. Ela desenvolve oito categorias para designar distintos modos e significados de inovação: inovação substancial, qualitativa, quantitativa, relativa, espacial, temporal, ativa e passiva, e afirma que é possível reconhecer o fenômeno da inovação como um processo metodológico que causa um impacto social.

Por isso, para a autora, a inovação também é considerada um fenômeno social, simbólico e tecnológico, presente na sociedade contemporânea midiática e que perpassa todo o campo da Comunicação. Já a inovação no jornalismo acontece em várias dimensões, como a social, organizacional, editorial, textual e estrutural. Atinge desde o setor financeiro até a audiência. A palavra mudança está muito atrelada a essa relação, como bem ressalta Rossetti (2013).

Sobre as novas formas de produzir uma reportagem no ambiente digital, João Canavilhas (2014) destaca que nesse ambiente os parágrafos atuam de forma independente e a notícia pode ser atualizada a qualquer momento. Nesse tipo de narrativa, é comum o uso de *links* e *hiperlinks*, que encaminham os leitores para assuntos similares ou para obter informações complementares, assim como para outros recursos como infográficos, *gifs*, ilustrações, ou até mesmo o direcionamento para outras plataformas.

Também não há limites de caracteres, tendo em vista que os textos podem ser mais extensos. As imagens que aparecem no texto podem ser mais elaboradas e costumam apresentar uma preocupação em comunicar independente do texto principal. Assim, entendemos que a inovação perpassa por essas mudanças nos formatos e linguagens jornalísticas.

Para Scolari (2013), atualmente, os diversos meios informativos existentes apresentam um caráter inovador, sobretudo no que diz respeito à participação do público, pois não existem meios informativos, sejam escritos ou audiovisuais, que não convidem seus receptores a enviar informações, fotografias, vídeos ou textos que permitam que a divulgação de notícias seja expandida. Segundo o autor, essa

prática de interação com o público tem se tornado cada vez mais cotidiana e preenche um dos requisitos para a inovação.

O público não é mais aquele telespectador passivo, se as pautas do seu interesse não parecem nas suas *timelines* (de seus perfis em redes sociais digitais), ele mesmo grava vídeos, tira fotos, escreve em blogs, ou seja, ele produz o que deseja ver. Os veículos independentes atuam assim, geralmente pautando os assuntos que, comumente, não são apresentados na mídia tradicional. Eles costumam apresentar outros pontos de vista e criam suas próprias plataformas para expandir o seu conteúdo, dando oportunidade para ecoar vozes a personagens que antes eram silenciados, como no caso dos povos indígenas,

Para os pesquisadores João Canavilhas, Alciane Bacin, e Ivan Satuf (2017), a popularização dos dispositivos móveis de comunicação, ligados a uma rede de alta velocidade, modificou a forma como se consome informações jornalísticas. Segundo os autores, a mudança de suporte, do computador para os dispositivos móveis, alterou a forma de narrativa, que deixou de estar condicionada a uma plataforma e se espalhou por outras plataformas e mídias.

Eles afirmam que estas mudanças nos obrigam a pensar em outros tipos de estruturas narrativas e nas formas como elas se configuram, pois, essas alterações nos fazem refletir sobre a necessidade de novas categorias para discutir as produções narrativas do jornalismo *online*.

A popularização dos dispositivos móveis com o intenso processo de midiatização contribuiu para intensificar a inovação no jornalismo. Em pouco tempo, é possível perceber como os dispositivos móveis estão presentes em nosso dia a dia, seja no processo de produção, recepção e circulação dos conteúdos jornalísticos. De acordo com a pesquisa da Comscore realizada em 14 de outubro de 2021, mais de 112 milhões de usuários no Brasil estão conectados a um dispositivo móvel. Dessa forma, o crescente número de pessoas conectadas pode favorecer uma inovação por meio da reformulação e da expansão do conteúdo jornalístico através desses dispositivos. Quanto maior o acesso das pessoas, maior também será a possibilidade de produção e disseminação de conteúdo por meio dos dispositivos móveis.

Sobre a inovação na comunicação, grande parte das pesquisas referente à temática está alinhada à ideia de que os primeiros estudos sobre inovação recorrem à vertente clássica de compreensão da inovação a partir dos trabalhos do economista e pesquisador Joseph Schumpeter (1984, 1997). E essa compreensão irá corroborar a utilização da inovação no jornalismo voltada à resolução de problemas de cunho financeiro, dentre outros.

Para o autor, os empreendedores se utilizavam da inovação tecnológica (um novo produto, serviço ou processo para fazer algo) com o objetivo de obter vantagem que durante um tempo seria satisfatória, mas depois outros empreendedores apareceriam, com novas ideias de inovação, o que resultaria em ciclos repetitivos. Por isso, o autor utiliza o termo “destruição criativa” para se referir aos processos de inovação.

A visão do economista está pautada a partir de uma noção histórica que demonstra algumas alterações na organização da produção, assim como abertura e fechamento de novos mercados. Nessa perspectiva, o capitalismo seria o principal responsável por modificar a estrutura econômica a partir de dentro, ou seja, destruindo o que era antigo e criando novos elementos. Esses fatores estão diretamente relacionados à geração de riquezas para as empresas por meio da comercialização de novos produtos e/ou serviços.

Em uma visão mais atualizada do termo inovação, podemos destacar as pesquisas de Tidd e Bessant (2019). Para os autores, inovar virou uma necessidade em vários setores da vida e a palavra inovação aparece comumente relacionada à área tecnológica, empresarial, na saúde, no setor automobilístico, etc. Isso ocorre porque as empresas estão sempre em busca de oferecer novas formas de bens e serviços. “Se não mudarmos o que oferecemos ao mundo (bens e serviços) e a forma como criamos e ofertamos, corremos o risco de sermos superados por outros que o façam” (TIDD; BESSANT, 2019, p 04). Essa é uma visão comum de quem lida com a inovação, que é estar sempre atento à necessidade de implementar processos de mudança, tida como regra básica para que as empresas sobrevivam às demandas do mercado.

De acordo com essa abordagem, a inovação está associada ao processo de crescimento econômico e ao empreendedorismo, "a capacidade de avistar

oportunidades e criar novas formas de explorá-las é indispensável ao processo de inovação.” (TIDD; BESSANT, 2019, p. 6). Os pesquisadores apontam que são os indivíduos que fazem a inovação acontecer, eles estão nos bastidores das modificações de produtos, processos e serviços.

Nos mais diversos campos do conhecimento, o conceito de inovação é muito utilizado, mas a sua principal associação tem sido feita ao empreendedorismo e à tecnologia. Entretanto, esses são apenas alguns de seus aspectos, porque várias áreas recorrem à inovação para estabelecer mudanças ou novas formas de criar, inclusive, o campo da comunicação recorre a ela de forma estratégica.

Reforçando essa concepção, Silvio Meira (2013) afirma que inovar requer algumas atitudes típicas da área empresarial, como a organização e o planejamento. Segundo Sofia Esteves (2014), a inovação tornou-se um termo para descrever tudo aquilo que é diferente do que já existe. Assim como várias áreas recorrem à inovação para estabelecer mudanças ou novas formas de criar, o campo da comunicação também recorre a ela como estratégia.

Pensando a inovação de forma abrangente, o autor Manuel Castells (1999) afirma que as mudanças nos modelos de negócios e da sociedade na era digital já apontam para a inovação como elemento fundamental para a compreensão do cenário atual, em que se encontram as novas tecnologias da informação.

O conceito de inovação é bem abrangente, temos percepções que passam pelos mais variados campos: econômico, tecnológico, social e comunicacional. Essa abrangência de concepções, combinada com a versatilidade da área jornalística, possibilita a concepção de um conceito dinâmico de inovação no jornalismo. A seguir, apresentaremos um breve panorama das pesquisas mapeadas em nosso estado da arte.

2.2. Um panorama das pesquisas sobre inovação no jornalismo

Carlos Franciscato (2010) menciona que no jornalismo existe uma dimensão mais complexa da inovação considerada em três vertentes: a inovação tecnológica, organizacional e social. O autor enfatiza principalmente o caráter social da inovação

no jornalismo e como as novas configurações tecnológicas influenciam nessa organização.

Ele apresenta uma categorização específica para mudança no campo jornalístico, correlacionando e caracterizando três dimensões: mudanças na relação da complexa interação entre tecnologia e sociedade, nas alterações promovidas nas rotinas de trabalho e nos usos e efeitos sociais.

No trabalho de Raquel Longhi e Ana Flores (2017), as pesquisadoras propõem uma reflexão sobre a presença da inovação a partir do Webjornalismo, vale ressaltar que esse artigo é de 2017 e que esse termo foi utilizado pelas autoras na época para exemplificar o que hoje mais comumente chamamos de Ciberjornalismo.

Esse tipo de inovação proposta no trabalho de Longhi e Flores (2017) deu ênfase aos conteúdos expressivos e às narrativas e, também, analisou como as mudanças em recursos como o texto *longform*, o uso renovador do áudio e a utilização de conteúdos imersivos contribuem para o estabelecimento da inovação no jornalismo.

Para Raquel Longhi e Ana Flores (2017), a inovação é um elemento presente no jornalismo e atua, especialmente, como forma estratégica para enfrentar processos de crises na área. Conforme as autoras, a inovação é uma atividade que surge a partir da intenção de comunicar melhor por meio de novas experiências. Com as diversas mudanças no mercado consumidor, sobretudo, de natureza ideológica, a inovação tornou-se uma necessidade para quem busca por alternativas de se manter em um cenário de crises, principalmente de natureza econômica ou de audiência.

Longhi (2020) apresenta a concepção de narrativas complexas no ciberjornalismo e propõe uma reflexão em torno dessa complexidade a partir da visão de determinados autores: (Flusser, Català e Morin), sobre a fotografia e a imagem técnica (Flusser, Machado), sobre o jornalismo imersivo e a imersão (Grau, Domínguez), e a imagem complexa, a imagem interface (Català) e a teoria da interface (Català, Scolari).

Para a pesquisadora existe um conjunto de princípios que norteiam as narrativas complexas no ciberjornalismo, e eles são derivados de elementos

expressivos relacionados à imagem, justamente por cada vez mais se atribuir complexidade ao narrar. Nesse sentido:

A primeira, capaz de reconfigurar-se em ambientes de RV e RA, potencializando as funções do visualizador e ampliando as noções de interface. A segunda, na sua condição de ambiente – um espaço virtual, cognitivo, operacional e visual, além de espaço da experiência, que, em última instância, potencializa a imersão. (LONGHI, 2020, p.38)

As narrativas complexas ciberjornalísticas são frutos do avanço das tecnologias digitais. Para Longhi (2020), estes aspectos levam em consideração a imagem complexa e a interface. Assim, a autora prospecta cinco princípios essenciais para se considerar uma narrativa complexa no ciberjornalismo que são: Imersão, Fluidez, Experiência, Ambiente e Elasticidade.

O trabalho de Suzana Barbosa (2014) apresenta uma perspectiva da inovação a partir de uma reflexão sobre o dinamismo como uma das características chaves para a compreensão dos produtos jornalísticos e de seus formatos que também são marcados pela produção, circulação e consumo da informação no contexto da convergência jornalística.

A pesquisadora destaca os aspectos relacionados aos desenvolvimentos tecnológicos, à absorção de novos procedimentos, como também os avanços já empreendidos nos estudos para o melhor entendimento do fenômeno da convergência jornalística, suas particularidades, consequências e divergências.

Barbosa (2014) considera “os dispositivos móveis, as bases de dados e a distribuição multiplataforma como agentes de inovação, renovação e reconfiguração” (2014, p. 01) do jornalismo contemporâneo. Sua abordagem apresenta perspectivas, tendências e desafios para as organizações de novas formas de compreensão da inovação no jornalismo que elenca agentes e potencializam a dinamicidade nos sites jornalísticos.

Para o entendimento desse novo processo, Barbosa (2014) propõe o conceito de *continuum* multimídia, que compõe um dos traços característicos para o que se depreende como novo estágio de evolução para o jornalismo em redes digitais ou interativo, nas etapas de distribuição, consumo e circulação das informações ou

mesmo na formação das equipes e na gestão das empresas de notícia. Por esse motivo, falar de inovação no Jornalismo não é uma tarefa fácil.

Sobre a inovação no jornalismo em revistas para *tablets*, Adalton Fonseca (2015) destaca que esse tipo de inovação tem um caráter de gradação, sua apropriação se dá pelo uso das novas tecnologias que possibilitam a oferta de uma infinidade de produtos. Diante da menor mudança, elemento que caracteriza a inovação, é possível falar em inovação no jornalismo o que possibilita novos hábitos e comportamentos entre os consumidores.

Para Martins (2018), a inovação no jornalismo pode ser estudada sob diversos modos e aspectos, nas diversas formas narrativas, nos processos produtivos, tecnológicos. A pesquisadora, ao abordar os modos e aspectos da inovação, destaca que o conceito de mudança possui fundamental importância na compreensão dos sentidos da inovação, o que leva à necessidade de um olhar mais atento aos processos de inovação no contexto jornalístico, sejam em seus processos produtivos, de gestão ou em suas narrativas. A pesquisadora menciona que é dessa capacidade de mudar e de se reinventar que depende a sobrevivência e êxito de muitas empresas de notícias.

Em outra pesquisa, Martins (2021) também destaca o caráter inovador presente nas narrativas ao buscar compreender o ativismo em narrativas jornalísticas pelo viés da resistência. Ela destaca que a inovação é fundamental para que os veículos jornalísticos possam expandir o fluxo de suas produções e tornar as narrativas mais sofisticadas e atrativas para o público e assim promover o engajamento.

A pesquisadora aponta as narrativas enquanto um instrumento de resistência, sobretudo em contextos decoloniais. Tendo em vista que os coletivos jornalísticos promovem narrativas contra hegemônicas, que se distanciam da neutralidade e apostam justamente no posicionamento parcial e na defesa de causas sociais. Assim, estabelecem a importância da contra narrativa

Elaide Martins e Maíra Sousa (2020) buscam compreender as trajetórias, objetos e concepções atribuídas ao conceito de inovação em pesquisas de jornalismo, a fim de entender os sentidos da inovação no jornalismo. Elas

analisaram os trabalhos do GT Estudos de Jornalismo da Compós, apresentados nos últimos vinte anos (2000 a 2019).

As pesquisadoras compreendem que os caminhos apontam para diferentes sentidos da inovação no jornalismo e que no conjunto de trabalhos analisados eles são associados, principalmente, à temporalidade, empreendedorismo e tecnologia. As seguintes autoras ainda refletem que as formas de inovação no jornalismo têm sido pesquisadas em distintas esferas. É perceptível a necessidade dos pesquisadores em buscar entender os resultados trazidos pela interação do público com os conteúdos jornalísticos por meio das tecnologias digitais.

Laura Storch e Bruna Feil (2021) apresentam um estudo sobre o conceito de inovação no Jornalismo levando em consideração pesquisas realizadas no período de 2017 a 2019. As autoras classificaram a inovação no jornalismo em cinco categorias: concepções de inovação, inovação de gestão, inovação de processo, inovação de produto e agentes de inovação. Para elas, o conceito de inovação em jornalismo, apresenta-se de forma contextual e fragmentada. As pesquisas buscam descrever os êxitos na utilização das práticas inovadoras, mas a questão conceitual aparece de forma tímida.

Com base em tudo o que foi citado, até o presente ponto de nossa investigação, a respeito da relação entre inovação e jornalismo, compreendemos que a definição de inovação no jornalismo ainda está muito associada a dois fatores. O primeiro deles está ligado à questão econômica e o segundo relaciona-se ao aspecto do uso das tecnologias. Segundo o pressuposto de que inovação é tudo aquilo que é feito diferente da sua forma usual, entendemos que a inovação no jornalismo engloba duas vertentes: a inovação no jornalismo voltada à pesquisa acadêmica e a inovação no jornalismo voltada ao mercado.

No que diz respeito à inovação no jornalismo apoiado em pesquisas acadêmicas, compreendemos que ela se dá de forma contínua. Pensamos que para que haja inovação no jornalismo se faz necessária uma constante atualização das definições que surgem na área da comunicação. Esse tipo de inovação deve estar atrelado a tudo aquilo que confere novidade para a sua área.

Já a inovação no jornalismo voltada para o mercado de trabalho, deve estar atenta ao surgimento de novas ferramentas e plataformas, na medida do possível,

disponíveis a partir das tendências que despontam da própria necessidade do mercado, principalmente, as que são impulsionadas no ambiente digital.

Para acompanharmos esse dinamismo, seriam necessárias constantes reformulações de novas categorias de análises e métricas que deem conta da inovação no jornalismo, sobretudo, as que ocorrem em ambientes que não tenham toda sofisticação e estrutura, tendo em vista que a inovação no jornalismo possui diversas formas de manifestação. Como a inovação no jornalismo proporcionada por meio de um conteúdo narrativo diferenciado que foge do lugar comum.

2.3. Aspectos da inovação no jornalismo nas pesquisas realizadas no Brasil

Para compor o estado da arte da pesquisa, realizamos um levantamento na plataforma do *Google* a fim de entendermos a conceituação dessa temática. Esse estudo se deu em paralelo ao período de conclusão do curso de Comunicação Social em Jornalismo, sendo utilizado nesta outra pesquisa também. A explicação detalhada do método do estado da arte que foi utilizado será melhor explicitada no capítulo 3 que corresponde ao percurso metodológico.

O foco de leitura dos artigos foi direcionado à busca das concepções utilizadas pelos autores em pesquisas sobre inovação no jornalismo. A partir da análise realizada, é possível destacar a presença da inovação na narrativa jornalística, no telejornalismo, em produtos digitais jornalísticos, no ciberjornalismo, no jornalismo imersivo, jornalismo de dados, inovação na editoria de cidades e nos fatores sociais presentes no jornalismo. Baseado nas temáticas encontradas, separamos os artigos em seis grupos de categorias: conceito, tecnologias digitais, estratégia, empreendedorismo, ensino e narrativa, os quais servem de norte na busca da compreensão da inovação no jornalismo.

Apresentaremos a seguir um quadro com o conjunto de 40 artigos que abordam inovação no jornalismo, encontrados a partir da pesquisa do estado da arte. Conforme a análise dos resultados encontrados, chegamos a seis eixos de inovação no jornalismo, elencados nos quadros 1 a 6, adiante. De forma sucinta, esse panorama geral traz as principais informações extraídas dos artigos analisados e suas respectivas autorias e ano de produção de cada produção.

2.4. Eixos de inovação no jornalismo identificados nos artigos pesquisados

Quadro 1 - Eixo Conceito

Martins (2018)	Reflete e identifica os distintos modos, aspectos e sentidos da inovação no jornalismo, volta-se para os Relatórios de Inovação (2014, 2017) do tradicional jornal norte-americano <i>New York Times</i> . A pesquisadora aponta que as manifestações da inovação se dão em vários setores, vai além da inovação nos produtos, ela perpassa pelo processo de produção, pela reformulação das equipes e da gestão.
Gosh e Silveira (2019)	As pesquisas sobre o conceito de inovação no jornalismo devem direcionar o olhar para o estudo das mídias, pois a área jornalística é dotada de especificidades que precisam ser consideradas. Para elas, quando a própria academia brasileira melhor discutir o conceito, será mais fácil compreender sua utilização no mercado de trabalho do profissional de jornalismo. Assim, as autoras procuram compreender a relação entre inovação e jornalismo diante do cenário de transformações tecnológicas e sociais advindas pelo avanço da internet e dos dispositivos móveis digitais que compreendeu o período da análise de 2010 a 2018.
Franciscato e Silva (2020)	Investigam uma transformação historicamente localizada no jornalismo – a transição do padrão impresso de jornalismo como suporte midiático em direção a plataformas digitais convergentes, integradas e multimidiáticas na década de 2010. Para os autores, os processos de inovação no jornalismo não se restringem a fenômenos, como mudanças de suportes, formas de transmissão, de interação ou redefinição de formatos e conteúdos, pois a inovação tem que ser vista de forma global como um fenômeno multidimensional.
Martins e Sousa (2020)	Buscam compreender as trajetórias, objetos e concepções atribuídas ao conceito de inovação em pesquisas de jornalismo, a fim de entender os sentidos da inovação no jornalismo. Elas analisaram os trabalhos do GT Estudos de Jornalismo da Compós, apresentados nos últimos vinte anos (2000 a 2019). As pesquisadoras compreendem que os caminhos apontam para diferentes sentidos do conceito de

	<p>inovação no jornalismo, que são associados à temporalidade, empreendedorismo e tecnologia.</p>
<p>Storch e Feil (2021)</p>	<p>Apresentam um estudo sobre o conceito de inovação no Jornalismo levando em consideração pesquisas realizadas no período de 2017 a 2019. As autoras classificaram a inovação no jornalismo em cinco categorias: concepções de inovação, inovação de gestão, inovação de processo, inovação de produto e agentes de inovação. Para elas, o conceito de inovação em jornalismo, apresenta-se de forma contextual e fragmentada. As pesquisas buscam descrever os êxitos na utilização das práticas inovadoras, mas a questão conceitual aparece de forma tímida.</p>

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2021-2022.

Quadro 2 - Eixo Tecnologias Digitais

<p>Francisco (2010)</p>	<p>Questiona a relação jornalismo e redes sociais, se sua participação nessa agenda seria uma inovação ou replicação de modelos tradicionais. A partir da análise dos jornais portugueses Público e Notícias. A pesquisadora conta que as redações dos jornais portugueses ainda estão se adaptando à inserção das redes sociais em suas rotinas de trabalho em meio ao acesso a tantas ferramentas e plataformas.</p>
<p>Franciscato (2014)</p>	<p>No artigo, inovações tecnológicas e transformações no jornalismo com as redes digitais tem por objetivo investigar as razões do distanciamento entre inovação e jornalismo, mesmo este último sendo uma atividade social que poderia se beneficiar diretamente da aplicação do conhecimento científico e, ao mesmo tempo possibilitar a compreensão de especificidades de processos inovativos no ambiente jornalístico.</p>
<p>Rocha, Carvalho e Miranda (2015)</p>	<p>O trabalho busca mostrar como o jornalismo hiperlocal pode ser uma alternativa ao decadente mercado jornalístico, tanto para os profissionais como também para a comunidade que passa a ser protagonista através da cultura participativa, sendo</p>

	estimulada a aprimorar os processos de cidadania.
Ana Carolina Castro (2016)	Aborda o contexto de mudança pelo qual o jornalismo está passando com a popularização da internet e com o avanço das mídias digitais. Elas aumentam a lucratividade na participação publicitária e acabam interferindo nas estruturas das empresas de comunicação. A pesquisa apresenta um modelo de adaptação a esse novo contexto de inovação digital, proposto pelo The New York Times e pelo The First Look.
Longhi e Lenzi (2017)	Apontam a pesquisa sobre práticas ciberjornalistas em realidade virtual, analisam a inovação, seus impactos e mudanças nos processos de produção. Para usar a realidade virtual como narrativa jornalística, é necessário muito mais que a vontade de inovar, é preciso investimento financeiro, organizacional e de tempo. Para os jornais que já contam com essa realidade é mais viável se falar em inovação no jornalismo, sobretudo, em empresas jornalísticas estrangeiras, como por exemplo o Clarín e o El País, jornais analisados pelos pesquisadores
Barbosa e Fonseca (2018)	Examinam a inovação no jornalismo móvel a partir do conceito de affordance aplicado no estudo de revistas para tablets em três momentos definidos, entre 2010 e 2016. Os autores concluíram que as plataformas móveis, com seus recursos e funcionalidades, têm possibilitado inovações no jornalismo de revista, principalmente por proporcionarem uma maior imersão de novas ações ou a atualização de outras na relação com os usuários.
Franciscato (2018)	Apresenta uma pesquisa voltada à produção jornalística focada na cobertura de cidades, vista como uma estratégia de inovação com potencial capaz de alterar a rotina dos repórteres e seus usuários com base nos princípios de mobilidade, ubiquidade e geolocalização. O texto dialoga com o atual cenário da comunicação móvel baseado no desenvolvimento de um aplicativo para telefones celulares tipo smartphones para auxiliar na qualificação do trabalho jornalístico na cidade de Aracaju, Sergipe.
Martins, Castro e	A partir de um olhar direcionado ao Jornal da Record News – que se autointitula o primeiro telejornal transmídia do

<p>Fecury (2018)</p>	<p>Brasil - procuram compreender os usos e apropriações da transmídia e das redes sociais digitais enquanto aspectos de inovação nos modos de fazer telejornalismo. As pesquisadoras apontam que, apesar do avanço das tecnologias digitais, da convergência midiática e de outras temáticas que ajudam a entender o usuário enquanto agente participativo no processo de produção de notícia, a apropriação da narrativa transmídia pelo jornalismo pode ser considerada, claramente, um desafio para os profissionais e estudiosos do tema, pois ela acaba se enquadrando nos eventos contextuais de inovação.</p>
<p>Saad e Giacomassi (2018)</p>	<p>As pesquisadoras propõem uma revisão conceitual do processo e sua correlação com práticas jornalísticas recentes que podem caracterizar-se como inovadoras para além do uso de tecnologias digitais de informação e comunicação. Elas partem do pressuposto de que no atual cenário tais inovações ocorrem mais frequentemente em iniciativas independentes full digital.</p>
<p>Fiorin (2019)</p>	<p>Analisa a representação da incivilidade no stories do Instagram do Estadão. Para o autor, a incivilidade é representada pelas organizações midiáticas, pois ela é transpassada pelos atores e suas relações feitas por meio das mídias, com base na inovação tecnológica.</p>
<p>Ribeiro, et al (2020)</p>	<p>Apresenta algumas marcas de inovação que foram encontradas na pesquisa Jornalismo e Tecnologia: Novos Arranjos e Ferramentas Digitais, vinculada ao grupo de pesquisa Comunicação, Tecnologia e Sociedade, do Centro Uninter. A pesquisa foi centrada em aplicativos digitais para dispositivos móveis, sites e reportagens multimídia dos veículos The Intercept Brasil, Agência Pública, Nexo, El País e UOL TAB.</p>
<p>Nunes e Mills (2021)</p>	<p>O artigo discute a inovação em jornalismo através de laboratórios experimentais denominados media labs, abordando motivações, processos e resultados relacionados a eles. A investigação é baseada em quatro anos de projetos de pesquisa colaborativos que mapearam 123 laboratórios na indústria, sociedade civil e academia em âmbito global, especialmente na América Latina, América do Norte e Europa.</p>

Bonix (2020)	No artigo, Jornalismo radiofônico e inovação – uma análise à cobertura de acontecimentos mediáticos, o autor A migração para as plataformas digitais gerou um conjunto de novos desafios para os media jornalísticos que se situam ao nível das suas rotinas, linguagens, deontologia e formação dos seus profissionais, sobretudo para os que utilizam das plataformas radiofônicas.
-----------------	---

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2021-2022.

Quadro 3 -Eixo Estratégia

Camargo e Spinelli (2015)	Apresentaram uma estratégia de inovação no jornalismo brasileiro durante a Copa do Mundo de 2014, por meio de uma parceria entre a empresa de tecnologia IBM com as empresas de comunicação Globo e ESPN. Ela estabeleceu por meio da criação de um programa de avaliação de menções em postagens no <i>Twitter</i> por usuários que classificavam os conteúdos de forma negativa ou positiva, expressando suas opiniões sobre os assuntos relacionados à Copa.
Araujo (2016)	Considera a inovação no jornalismo a partir do estudo de caso do <i>crowdfunding</i> . sob a ótica de diversas correntes teóricas, afirma que essa prática jornalística é uma maneira de inovar. Ele também destaca o caráter da mudança pela qual a área vem passando seja por meio das práticas humanas ou das mudanças tecnológicas como um reflexo dessa inovação. Por isso, a preparação do próprio profissional que irá lidar com essas novas tecnologias pode ser vista como uma forma de inovação no setor.
Ventura e Ito (2017)	Apresentam uma estratégia de inovação no Webjornalismo contemporâneo com base no estudo de caso da série de reportagens TAB, do portal UOL. Uma das mais importantes estratégias de veículos de empresas para superar crises e atrair mais usuários é apostar em iniciativas criativas e inovadoras, e foi isso que a UOL fez. Os autores acreditam que as empresas buscam a inovação no jornalismo como forma de sobrevivência financeira e de garantir uma maior longevidade para a empresa.

<p>Flores (2017)</p>	<p>Aborda em seu artigo o que entende por jornalismo de inovação e como ele pode fazer uso de técnicas e ferramentas advindas dos Estudos e Tendências para pensar esses caminhos. Para Flores (2017), o jornalismo passa por diversas mudanças, cada vez mais intensas e desafiadoras potencializadas pela convergência tecnológica que propiciam práticas inovadoras. O próprio contexto do jornalismo está envolvido com a inovação, principalmente, por causa da própria natureza dinâmica do fazer jornalístico que sempre está em busca do novo, de se reinventar.</p>
<p>Bertocchi (2017)</p>	<p>Mostra os desafios e as possibilidades de inovação nas pesquisas sobre jornalismo de <i>Status</i>. Com base em um mapeamento do termo, a fim de diferenciá-lo do jornalismo empreendedor e do jornalismo freelancer, ela propõe alguns caminhos para futuras pesquisas sobre o mercado da comunicação a partir de estratégias inovadoras.</p>
<p>Quinaud, Lumini e Baldessar (2018)</p>	<p>Revelam como a inovação está presente no jornalismo. Por meio do estudo de caso demonstram como o <i>design thinking</i> pode contribuir com práticas que buscam o engajamento da audiência. A inovação no jornalismo é considerada a partir da análise e do uso da plataforma <i>Hearken</i> e aponta como ela pode romper com práticas tradicionalmente consideradas defasadas no que se refere à produção. A plataforma é indicada para auxiliar na produção do trabalho jornalístico por sugerir uma criação multidisciplinar e coletiva.</p>

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2021-2022.

Quadro 4 - Eixo Empreendedorismo

<p>Lobato (2015)</p>	<p>Sob uma perspectiva teórica, busca na relação clássica entre economia e inovação aspectos para entender a relação histórica entre mídia e indústria no Brasil, e como essa relação influencia na agenda da inovação no jornalismo atual.</p>
<p>Grohmann (2017)</p>	<p>Discute a inovação no jornalismo a partir da concepção de inovação como uma fórmula discursiva que prevê modelos jornalísticos com espírito empreendedor a partir dos textos</p>

	<p>da revista Observatório da Imprensa. O artigo apresenta os textos da revista Observatório da Imprensa, por compreendê-los como uma referência para o campo jornalístico. Segundo o pesquisador, o jornalismo está se tornando um contínuo em direção às práticas empreendedoras independentes.</p>
<p>Souza e Silveira (2017)</p>	<p>Desenvolvem um estudo descritivo-analítico para investigar práticas inovadoras no jornalismo digital a partir de um estudo de caso do Jornal Nexo. Os pesquisadores chegaram à conclusão que ao falarmos em tecnologia no jornalismo, geralmente, se menciona estratégias de inovação, que mesmo em um jornal mais tradicional como o Nexo, estão voltadas ao empreendedorismo, porém essas estratégias estão longe de ser consideradas como rentáveis, porque a aposta na inovação acontece de forma esporádica.</p>
<p>Bittencourt (2018)</p>	<p>Questiona o conceito de inovação utilizado em empresas de jornalismo que são lideradas por profissionais que deixaram o jornalismo tradicional para empreender em um cenário de crises. A autora percebe que a inovação vem sendo incorporada de outras áreas e está se tornando cada vez mais comum a utilização de sua utilização no jornalismo, porém as promessas de inovar acabam não passando de adaptações de práticas antigas que pouco inovam.</p>

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2021-2022.

Quadro 5- Eixo Ensino

<p>Cajazeira e Malkowski (2017)</p>	<p>Investigam a inovação no ensino de telejornalismo em universidades federais da região nordeste do Brasil focando nas produções acadêmicas laboratoriais em TV. A inovação quando aplicada à formação em jornalismo, não visa uma ruptura com modelos mais tradicionais de ensino ou a descontinuidade de modelos acadêmicos já instituídos. Ela busca novas possibilidades de ensinar telejornalismo que dialoguem com os novos formatos de consumo e de interação dos alunos com as informações.</p>
-------------------------------------	--

Fontoura (2015)	Menciona os Desafios do jornalismo: uma análise acadêmica do relatório de inovação do The New York Times a fim de compreender a relação entre veículos jornalísticos, a disrupção atual na indústria jornalística, e a inovação em diferentes direções.
Franciscato (2017)	Investiga a questão da inovação como uma problemática empírica e conceitual nas pesquisas sobre jornalismo digital. O autor pensa que a inovação metodológica seria uma possível resposta encontrada nas pesquisas em jornalismo digital. Para o pesquisador, os novos estudos em jornalismo digital precisam se adequar às mudanças pelas quais vêm passando a atividade nos últimos anos, essas transformações são o reflexo do próprio contexto do ambiente digital e das redes digitais móveis.
Trasel e Mielniczuk (2017)	Elencam experiências tanto do ensino formal como do informal sobre a profissionalização de jornalistas que trabalham com o jornalismo de dados. Esse tipo de jornalismo é apresentado como uma tendência da inovação na prática profissional, por se basear na análise de dados da base pública. O jornalismo de dados exige um profissional que domine com excelência a linguagem digital para o desenvolvimento de seu trabalho.
Alexandre e Aquino (2021)	No artigo sobre pesquisa aplicada no jornalismo o autor analisou as dimensões teórica, empírica e experimental como forma de inovação metodológica a fim de debater a pesquisa aplicada como uma perspectiva de inovação metodológica no jornalismo por meio do relato do processo de construção de uma investigação de doutorado sobre jornalismo móvel. Para tanto, relacionamos inovação e crise no jornalismo e abordamos aspectos referentes à pesquisa aplicada no campo.

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2021-2022.

Quadro 6- Eixo Narrativas

<p>Ventura e Ito (2016)</p>	<p>Buscam compreender, mais especificamente, a inovação no jornalismo com base nos elementos da narrativa (verbais, sonoras, visuais) a partir da análise de seis reportagens do TAB. Essas narrativas, criadas ao estilo das grandes reportagens do jornal impresso, mostraram-se como exemplo de reportagens multimidiáticas.</p>
<p>Costa e Brasil (2017)</p>	<p>Discutem em uma perspectiva teórica o conceito de imersão e de jornalismo imersivo, também apresentam o uso da realidade virtual como uma ferramenta de inovação que altera narrativamente o fazer jornalístico. Para os autores a inovação não se dá apenas por meio da vertente tecnológica, mas a tecnologia garante um ambiente favorável para o desenvolvimento da inovação.</p>
<p>Essenfelder (2017)</p>	<p>Discute em seu artigo a ideia de inovação no jornalismo sob a perspectiva na narrativa. Para isso buscou mapear e identificar os recursos expressivos empregados em uma grande reportagem sobre a tragédia ambiental ocorrida no ano de 2015, em Mariana. A narrativa, enquanto estrutura de linguagem, é vista como mais uma possibilidade de se apresentar a inovação no jornalismo.</p>
<p>Meneses e Albuquerque (2019)</p>	<p>Investiga o uso de narrativas de realidade virtual em 360° para conteúdos jornalísticos no contexto nordestino, eles adotam como recorte de análise a atuação de portais de notícias dos três estados mais populosos da região. O conceito de inovação aparece como elemento de aporte teórico para pesquisa que foi realizada de abril a maio de 2019. O levantamento identificou uma resistência do mercado jornalístico local em experimentar o formato de narrativas em 360° como estratégia de inovação, porque há uma desconfiança em adotá-lo como meio de atração do público, o que leva à ausência de conteúdo jornalístico com imagens em 360° nos portais pesquisados.</p>
<p>Burchard e Feitosa (2020)</p>	<p>O artigo investiga sobre modos de inovar no fazer jornalismo e tem como objetivo analisar a potencialidade do podcast como um produto jornalístico inovador, trazendo como objeto de análise o “Café da Manhã” o <i>podcast</i> diário</p>

produzido pelo jornal Folha de S. Paulo em parceria com a plataforma de músicas Spotify.

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2021-2022.

Apresentamos esse resumo de todo o conjunto de eixos, mas para esta pesquisa vamos focar no eixo narrativa. Além do resumo do que foi apresentado, a seguir, vamos destacar os aspectos da inovação no jornalismo em pesquisas realizadas no Brasil. O primeiro aspecto observado foi quanto à quantidade de artigos coletados. Para termos um melhor entendimento de como se deu essa produção, dividimos os artigos por ano. Percebemos em nossas pesquisas que os artigos envolvendo a temática da inovação no jornalismo só começam a aparecer, de forma ainda tímida, a partir do ano de 2010 e ganham maior fôlego no ano de 2017, como mostra o gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1: quantidade de artigos por ano



Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2021

Levando em conta nossas análises, os artigos começam a investigar a presença da inovação no jornalismo com base em dados obtidos em jornais estrangeiros. O artigo de Kárita Francisco (2010) leva em consideração as experiências dos jornais portugueses Público e Notícias e questiona se a inclusão

das redes sociais no jornalismo pode ser observada como inovação ou apenas replicação de modelos tradicionais.

O artigo de Ana Carolina Castro (2016) também menciona a experiência de um modelo de adaptação a esse novo contexto de inovação digital proposto pelo The New York Times e pelo The First Look. É possível atribuir essa busca por dados em jornais de outros países ao pouco investimento em iniciativas inovadoras no jornalismo brasileiro, o que refletiu a baixa produção de artigos com essa temática no período de 2010 a 2016.

Como podemos observar no gráfico 1, houve um aumento significativo na produção dos artigos no ano de 2017, 11 no total, atribuímos esse aumento a em função de um dossiê promovido pela UFBA e de uma mesa coordenada na Jortec, ambos focando na inovação. Já no período de 2019 a 2021, percebe-se uma queda na produção dos artigos envolvendo a temática.

Acreditamos que podemos relacionar essa baixa à dificuldade relatada pelos pesquisadores em produzir conteúdos inovadores no jornalismo brasileiro. Outro ponto que destacamos em nosso trabalho diz respeito aos meios que mais publicaram artigos abordando a inovação no jornalismo no período de coleta, conforme apresenta o quadro 1 que traz, ainda, a quantidade de publicações por cada um.

Quadro 7 - Quantidade e Meios de publicação dos artigos analisados

N° Artigos	Meios de publicação
2	Estudos em Jornalismo e Mídia
1	III Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação e Processos Sociais
1	Jpjour
3	Intercom
1	Caderno da Escola de Comunicação
1	Intexto UFRG
4	Comunicação e Inovação PPGCOM-USCS
3	Revista Observatório
1	Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia
3	Líbero: Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero
1	Revista Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo
1	Parágrafo
7	Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura
1	Revista Famecos (Online)
1	Leituras do Jornalismo
1	Prisma.Com – Especial Ciberjornalismo

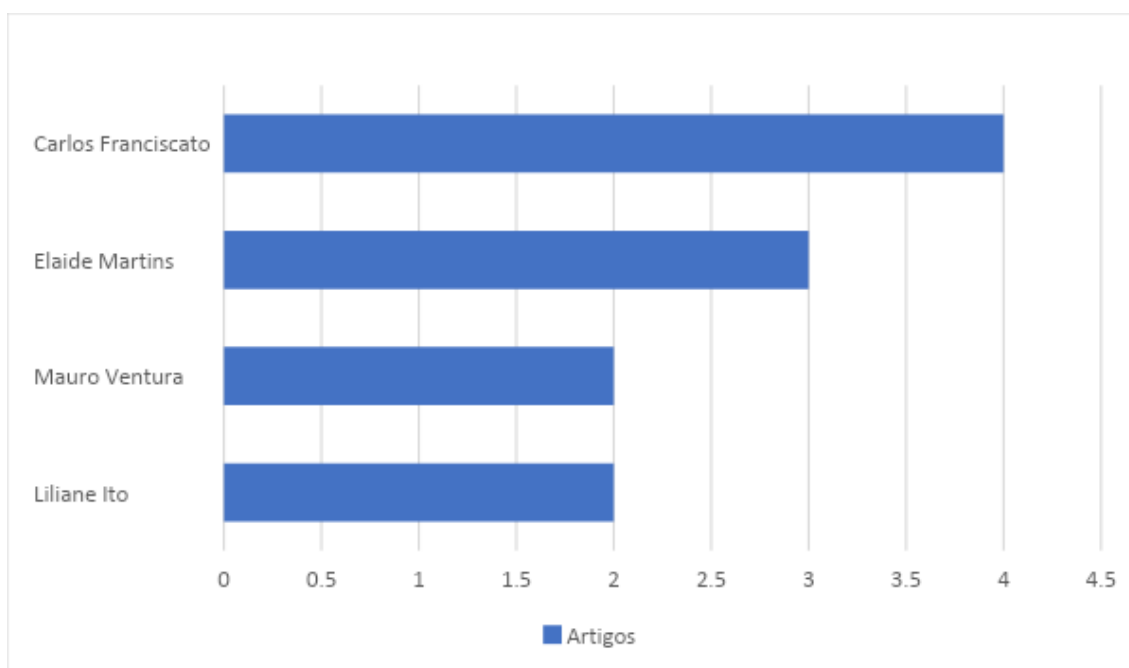
1	Brazilian Journalism Research
1	Media e Jornalismo
1	Alceu
1	2º Siepe: Salão Internacional de Ensino Pesquisa e Extensão
1	Geintec: Gestão, inovação e tecnologias
1	IV Jornada Científica de Comunicação Social
40	Total de artigos

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2021-2022.

Dentre periódicos e anais de eventos, os meios com o maior número de publicações, de acordo com os termos mapeados no estado da arte, foram a Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura (UFBA) com sete publicações- sempre lembrando que esses dados são referentes ao período explorado no estado da arte-; Comunicação e Inovação (USCS) com quatro publicações e em seguida há três artigos publicados no Intercom.

Os periódicos Estudo em Jornalismo e Mídia (UFSC), Líbero (Cásper Líbero), Revista Observatório (UFT), aparecem com duas publicações cada. Os demais periódicos aparecem com uma publicação cada. Outra informação que também obtivemos a partir da análise quantitativa dos artigos diz respeito ao número de autores que mais produziram durante o período levantado durante a coleta, como aponta o gráfico abaixo, abaixo.

Gráfico 2 - Quantidade de artigos por autor



Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2021-2022

Liliane Ito e Mauro Ventura produziram dois artigos juntos, Elaide Martins aparece com três publicações e Carlos Franciscato surge com quatro publicações individuais e em parceria com outros autores. Os demais autores dos artigos mapeados aparecem apenas com uma produção cada.

No momento da coleta, o nome da pesquisadora Elaide Martins surge como mais relevante na busca de palavras-chave pelo termo “Inovação no Jornalismo” no Google Acadêmico, o que ressalta outro ponto que podemos destacar em nossa pesquisa.

Os artigos produzidos sobre inovação no jornalismo são escritos em sua maioria por pesquisadoras mulheres. Dos 40 artigos coletados encontramos mais de 30 pesquisadoras do gênero feminino encabeçando as pesquisas sobre inovação no jornalismo no Brasil.

Já para uma perspectiva semântica de análise, criamos uma nuvem de palavras (Fig.04) com todas as palavras-chave presentes nos resumos dos artigos, a fim de descobriremos quais termos são mais utilizados em pesquisas acadêmicas sobre inovação no jornalismo.

Fig.04 - Nuvem de palavras com as palavras-chave dos artigos sobre inovação no jornalismo



Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2021-2022

Verificamos, com esse exercício, que o termo jornalismo digital foi o mais recorrente dentre as palavras-chave usadas nas pesquisas sobre inovação no jornalismo. Isso corrobora com a associação que muitos pesquisadores fazem entre inovação e tecnologia.

Apesar de reconhecerem que a inovação não está voltada apenas a sua vertente tecnológica, concordam que a tecnologia é extremamente necessária para que ela seja desenvolvida no jornalismo. Além disso, o termo também se justifica

porque alguns estudos mais recentes sobre jornalismo já indicam que não existe jornalismo que não esteja presente no mundo digital, mesmo a sua versão impressa que é mais clássica também tem a sua natureza digital.

A partir de uma leitura um pouco mais aprofundada desse conjunto de artigos, evidenciamos que existe uma clara divisão entre os pesquisadores em duas linhas de pesquisa: uma vertente mais aplicada, voltada à análise de estratégias de inovação usadas em produtos jornalísticos; e uma mais teórica, voltada à discussão e investigação do conceito de inovação no jornalismo. No entanto, as pesquisas de natureza aplicada foram as mais recorrentes na presente análise, 18 no total de 40 artigos.

Marcelo Trasêl e Luciana Mielniczuk (2017) com o “artigo Jornalismo Guiado por Dados como inovação profissional e seus desafios para a educação”; Maria Bittencourt (2018) com o artigo “Realidade Virtual no Jornalismo: tensionamento conceitual e curva de oscilação”; Isadora Camargo e Egle Spinelli (2018) com o artigo “Estratégias de Inovação no Jornalismo: a copa das redes” e Antônio Meneses (2019) com o artigo “Realidade Virtual em 360° e Inovação no jornalismo Nordeste: potencialidades e ausências” são alguns dos trabalhos observados que consideraram a inovação no jornalismo de forma satisfatória e possível de ser realizada em situações contextuais. Assim como o projeto TAB, do portal UOL, que foi analisado por Ventura e Ito (2017) que também pode ser considerado como uma experiência inovadora que deu certo no jornalismo, principalmente, por apresentar a inovação no estilo narrativo.

O artigo A tecnologia móvel como plataforma de inovação no jornalismo, de Carlos Franciscato (2018), que aborda a tecnologia móvel como plataforma de inovação no jornalismo de cidades, foi o que demonstrou a estratégia inovadora mais viável para ser desenvolvida no dia a dia do jornalista. Segundo o pesquisador, a criação do aplicativo levou em conta três vertentes da inovação: a tecnológica, a organizacional e a social.

E por meio de recursos provenientes das tecnologias digitais da informação e do uso de dispositivos móveis foi possível o desenvolvimento do produto. Atribuímos o sucesso no desenvolvimento do produto a uma produção multidisciplinar, sobretudo, por ter junto à equipe de desenvolvimento um teórico que pesquisa a

inovação no jornalismo, além dos recursos tecnológicos necessários, evidentemente.

Os artigos mais recentes e que se afinam com esta pesquisa foram os de Elaide Martins e Maíra Sousa (2020) e Laura Storch e Bruna Feil (2021), ambos estabeleceram categorias de análises em suas abordagens conceituais sobre inovação no jornalismo.

Martins e Sousa (2020) destacaram sentidos associados à temporalidade, empreendedorismo e tecnologia nas pesquisas apresentadas no GT de Jornalismo da Compós no período de 10 anos, pesquisando pelo prefixo inov; e Storch e Feil (2021) estabeleceram cinco categorias: concepções de inovação, inovação de gestão, inovação de processo, inovação de produto e agentes de inovação, pesquisando trabalhos no período de 2017 a 2019, O recorte analítico foi realizado a partir de duas estratégias centrais: a busca manual em bases de dados brasileiras e a busca automatizada em indexadores internacionais - CrossRef e Google Acadêmico.

Podemos dizer que a nossa pesquisa neste sentido avança no período de busca 2010 a 2021, e na ampliação de eixos temáticos que levaram em consideração outros aspectos que não eram o foco na abordagem das pesquisadoras citadas como os recursos relacionados a tecnologias digitais, a estratégia e a narrativa.

Outro dado relevante trazido pela análise que fizemos do conjunto de 40 artigos, foi a constatação de que, para entender a inovação no jornalismo, é preciso ter um olhar atento às seguintes características: uso adequado das redes sociais, sobretudo na elaboração de um conteúdo que respeite as especificidades de cada plataforma; acesso a dispositivos móveis conectados à internet, que são usados tanto pelo jornalista como pelo consumidor da notícia; situações contextuais, tendo em vista que fazer um produto inovador ou propor uma modificação na organização de uma empresa jornalística requer planejamento, organização e recursos financeiros; interação do usuário com o conteúdo, visto que a maioria das estratégias inovadoras buscam alcançar uma maior interação com ele; estruturas que possibilitem o uso da tecnologia como ambiência para inovar; mudança nas

linguagens jornalísticas; capacitação tecnológica e conceitual do jornalista; estratégias de gerenciamento de contextos de crise.

A precariedade no que diz respeito à tecnologia também é um fator que influencia na criação de produtos inovadores dentro do jornalismo, levando em consideração que em países que possuem um maior acesso a ela há melhores resultados em sua execução.

Neste capítulo, buscamos apresentar, com base nos 40 artigos analisados, quais os aspectos da inovação no jornalismo, os quais foram abordados aqui a partir dos principais eixos já apontados. Durante esse percurso de pesquisa, já observamos alguns aspectos que podem ser considerados importantes à compreensão da concepção da inovação no jornalismo, como por exemplo, a sua prevalência no ambiente digital, a adoção de estratégias inovadoras para contornar situações de crises, atração da atenção dos usuários e a necessidade de uma melhor qualificação dos profissionais que atuam na área.

No próximo capítulo, com base nos resultados encontrados no estado da arte sobre inovação no jornalismo, vamos detalhar o percurso metodológico adotado nesta pesquisa, a composição do corpus, avanços, análises e interpretação dos resultados.

3. TRILHAS METODOLÓGICAS: EIXOS DE INOVAÇÃO NO JORNALISMO COMO CATEGORIAS DE ANÁLISE

3.1 Apresentação dos métodos

Dentre os objetivos deste trabalho, a investigação do conceito de inovação no jornalismo é realizada em duas etapas: a primeira de cunho conceitual a partir da discussão teórica em torno do conceito de inovação no jornalismo e a segunda de natureza empírica com base no estabelecimento dos procedimentos, das abordagens metodológicas e das interpretações e discussões dos resultados encontrados. Essas etapas foram essenciais para avançar em nossos conhecimentos sobre o campo teórico.

Para realizar a primeira parte, referente ao capítulo dois, utilizamos como método o estado da arte, e na segunda parte, que corresponde ao capítulo quatro, adotamos a análise de conteúdo. Este capítulo metodológico destina-se à explicação da aplicação desses métodos na pesquisa.

O objetivo deste capítulo é esclarecer, do ponto de vista teórico e prático, as trilhas metodológicas escolhidas nesta pesquisa e também evidenciar as suas vantagens e limitações. Nessa fase, vamos descrever o percurso metodológico que nos possibilitou selecionar os artigos que discutem as relações entre inovação e jornalismo que resultaram nos eixos de inovação que usamos como ponto de partida em nossa análise.

A fim de uma melhor delimitação do *corpus* da pesquisa, utilizamos a abordagem metodológica de natureza qualitativa, por meio dos métodos do estado da arte e da análise do conteúdo, a fim de alcançarmos o *objetivo geral da pesquisa que é*: analisar e compreender as manifestações da inovação no jornalismo a partir de um olhar para as narrativas dos seguintes veículos jornalísticos: InfoAmazonia, Agência Pública e Amazônia Real, ambos se autodenominam independentes e têm a Amazônia como foco.

Para alcançarmos o primeiro objetivo específico que é: *Realizar um estado da arte do conceito de inovação no jornalismo no Brasil, a fim de estabelecer um panorama dessa produção e compreender os eixos do referido conceito*, utilizamos o método do estado da arte ou revisão da literatura.

De acordo com Norma Ferreira (2002), as pesquisas denominadas estado da arte vêm crescendo no Brasil desde meados dos anos 1990. A autora explica que este método de pesquisa consiste em mapear e discutir produções acadêmicas de diferentes campos a partir da consulta de determinados catálogos. Ela é escolhida, sobretudo, quando um pesquisador se depara com o crescente volume, tanto quantitativo como qualitativo, de produções de uma determinada área do conhecimento.

Ferreira (2002) problematiza a questão da pesquisa do estado da arte que se baseia apenas nas análises dos títulos e dos resumos dos trabalhos. Ela afirma que apesar dos resumos serem considerados um gênero discursivo que possuem uma estrutura (como tema, objetivo, metodologia, conclusões), a leitura dos textos na íntegra não pode ser desconsiderada nesse tipo de pesquisa.

Segundo Barros e Duarte (2012), para que uma pesquisa avance é necessário que o pesquisador conheça o que já foi produzido sobre a temática existente, e isso é possível revisando a literatura. “A revisão da literatura é uma atividade contínua e constante em todo o trabalho acadêmico e de pesquisa” (BARROS; DUARTE, 2012, p. 52).

Já Sampaio e Mancini (2007), a partir de estudos na área da fisioterapia, destacam a importância de realizar uma revisão da literatura de forma mais sistemática. Para eles, esse método requer uma questão clara, a definição de estratégias de busca, o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão dos artigos analisados e, fundamentalmente, uma análise criteriosa da qualidade da literatura selecionada. De acordo com os autores, a revisão sistemática:

É uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. Esse tipo de investigação disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada. (SAMPAIO; MANCINI, 2007, p. 84)

Eles ressaltam ainda, para os pesquisadores que irão fazer uma revisão sistêmica, a importância de elaborar um protocolo de análise de pesquisa que inclua os seguintes passos: como os estudos serão encontrados, quais os critérios usados na inclusão e exclusão dos artigos, desfechos de interesse, verificação dos

resultados, determinação da qualidade dos estudos e análises das estatísticas utilizadas.

Os artigos, cujo resultado da análise compuseram o segundo capítulo desta pesquisa, foram coletados por meio de busca na plataforma Google Acadêmico, uma ferramenta específica da literatura acadêmica disponibilizada pela empresa multinacional Google. Nesta coleta, utilizamos os seguintes filtros de busca: área do conhecimento da comunicação, pesquisas apenas em páginas em português, classificação por relevância, a qualquer tempo, sem marcação de patentes e citações.

Nas palavras-chave, buscamos os termos “Inovação no Jornalismo” entre aspas, recurso importante para delimitar o resultado. Acreditamos que a utilização desses filtros disponibilizados pela própria plataforma facilita o nosso acesso aos trabalhos que abordam as temáticas investigadas, acesso garantido, ainda, por se tratar de uma ferramenta de busca livre.

Nossas buscas se deram no período de julho a agosto de 2022, onde foram rastreados 326 resultados dentre artigos, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, monografias e citações. Diante da grande quantidade de trabalhos, sentimos a necessidade de estabelecer um critério para inclusão e exclusão dos materiais.

Nesse sentido, levamos em consideração apenas artigos, e nossas buscas se concentraram nos títulos que possuíam as palavras inovação e jornalismo. Assim, chegamos ao *corpus* de 40 artigos, publicados em periódicos e eventos de comunicação durante o período de 2010 a 2021.

Já a análise do conteúdo foi fundamental para desenvolvermos as categorias analíticas utilizadas no quarto capítulo. Proposto por Laurence Bardin (2011), este método é frequentemente utilizado por pesquisas em comunicação referentes a vários meios. No entanto, a natureza singular de cada corpus de análise, da abordagem e da interpretação de cada resultado encontrado garante o diferencial entre as pesquisas. O método em questão é definido como:

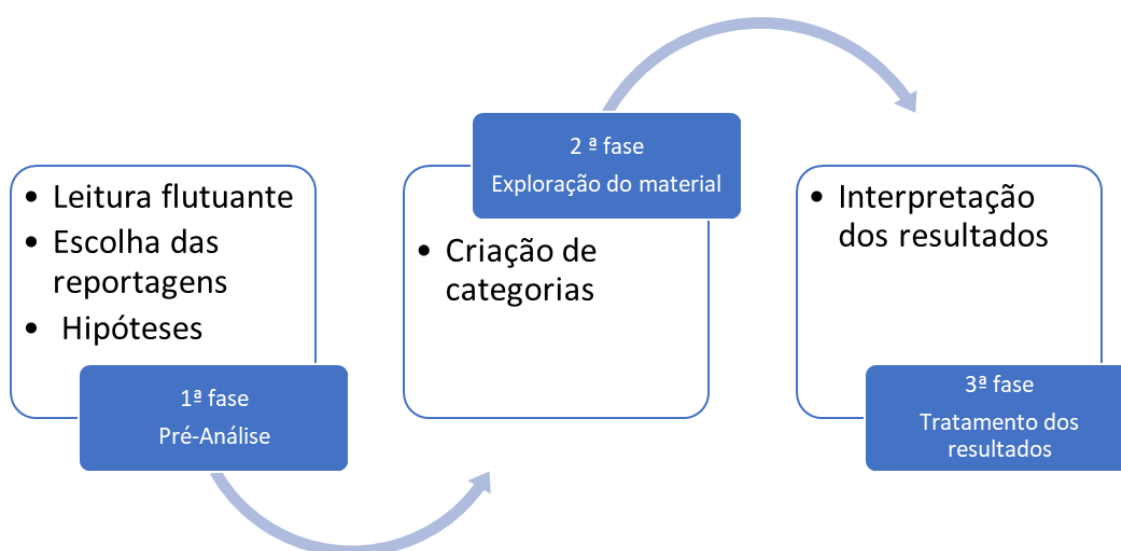
Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 47)

A pesquisadora indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases importantes: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A primeira fase, a pré-análise, pode ser identificada como uma fase de organização e de contato com material selecionado. Nela se estabelece uma lógica de trabalho que deve ser precisa, com procedimentos bem definidos, embora eles possam ser flexibilizados de acordo com a necessidade da pesquisa.

Nessa primeira fase, nos amparamos nos eixos de inovação no jornalismo (conceito, tecnologias digitais, estratégia, empreendedorismo, ensino e narrativa) que encontramos por meio do levantamento feito para a construção do estado da arte sobre a inovação no jornalismo, a fim de organizarmos e sistematizarmos o material disponível.

Também foi o momento de acrescentar leituras, explorar os sites dos veículos selecionados e levantar reportagens sobre temáticas indígenas, além de construir as hipóteses de pesquisa. Com isso, criamos categorias de análise, as quais correspondem à segunda fase proposta por Bardin. Já a terceira diz respeito ao tratamento e análise que fizemos dos resultados encontrados. A seguir, apresentaremos um esquema detalhado dessas fases adequadas à nossa pesquisa, cujo detalhamento se dará mais adiante.

FIG.05 Esquema da Análise de Conteúdo



Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2021

A primeira fase da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) atende, mesmo que limitadamente, o segundo objetivo específico da pesquisa, o qual se propõe justamente a: *Relacionar os eixos de inovação percebidos no estado da arte com a proposição de possíveis categorias de análise para se compreender a inovação no jornalismo*. A identificação desses eixos nos permitiu analisar as reportagens mais adiante.

Ainda nesta fase de pré-análise, amparando-se no conceito e eixos de inovação percebidos a partir do desenvolvimento do estado da arte, realizamos uma leitura flutuante pelos sites do InfoAmazonia, da Agência Pública e do Amazônia Real, plataformas escolhidas para a obtenção do corpus da pesquisa. Assim, fizemos a escolha de procedimentos de decodificação, que resultou no recorte do corpus, ou seja, seleção das reportagens sobre os povos indígenas.

A segunda fase proposta por Bardin (2011) corresponde à elaboração de categorias de análise para esta pesquisa. Esse é um ponto determinante para a análise de conteúdo por se tratar de um momento de construção de indicadores que compõem as categorias de análise a serem definidas com base no quadro teórico e na pesquisa exploratória.

Amparando-nos, ainda, nos eixos de inovação no jornalismo encontrados no estado da arte, apresentados no capítulo dois, agrupamos os que apresentaram certa compatibilidade com a pesquisa e os desdobramos em categorias de análise, como apresenta o quadro 8 abaixo:

Quadro 8 - Categorias de Análise relacionadas aos eixos resultantes do estado da arte

Eixos de inovação no jornalismo	Categorias de análise
Narrativas	Inovação na narrativa
Conceito	
Estratégia	Inovação estratégica

Empreendedorismo	
Tecnologias digitais	Inovação de tecnologias digitais
Ensino	

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2022

Os eixos ‘narrativas’ e ‘conceito’ foram agrupados na categoria inovação na narrativa; os eixos ‘estratégia’ e ‘empreendedorismo’ foram agrupados na categoria inovação estratégica por entendermos que eles têm aproximações. O eixo ‘ensino’, destacado em azul no quadro, apesar da possibilidade de ser inserido em tais categorias, como já visto, não foi considerado enquanto categoria de análise, uma vez que sua especificidade apresenta limitações em relação ao objeto empírico pesquisado, no caso, as reportagens. Certamente, ele poderá ser utilizado em pesquisas voltadas para outros objetos empíricos.

Por fim, a terceira fase da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que corresponde ao tratamento dos resultados, destina-se à análise dos resultados brutos. É nesse momento que o pesquisador procura dar sentido às suas interpretações e inferências seguindo a lógica proposta na pesquisa. Esta interpretação deverá ir além do conteúdo explícito do material selecionado, pois interessa ao pesquisador o conteúdo não aparente, o sentido que se encontra por trás de todo processo.

Consideramos que essa terceira fase se relaciona ao último objetivo específico desta pesquisa, no caso: *Identificar, com base na produção científica enfocada, categorias de inovação que se manifestam nas reportagens a serem analisadas a partir da dimensão social*, uma vez que essa fase trata da interpretação de tudo que foi exposto ao longo do trabalho.

Consideramos que os dois métodos propostos na pesquisa (estado da arte e análise do conteúdo) se relacionam e por isso acreditamos que são capazes de nos conduzir a uma melhor análise do corpus selecionado e melhor compreensão do nosso problema de pesquisa. Esse é o momento de focar nos dados obtidos com a análise, os quais podem ser validados ou não de acordo com as perspectivas da pesquisa. Aqui, o exercício interpretativo será o de conferir significado ao que for sendo validado.

3.2 Categorias de inovação no jornalismo

Para esta etapa da pesquisa, vamos utilizar os eixos já encontrados no estado da arte que julgamos mais relevantes a esta análise propriamente dita, que são: Narrativa, Estratégia e Tecnologia Digitais. Esses eixos são desdobrados nas seguintes categorias: Inovação na narrativa, Inovação estratégica e Inovação de tecnologias digitais.

A primeira categoria analisada diz respeito à inovação na narrativa. A narrativa sempre esteve presente no jornalismo, pois contar histórias faz parte do fazer humano e narrar é o elemento principal de uma reportagem jornalística. No entanto, essa forma de narrar que constitui a reportagem, vem sendo modificada, principalmente, com o processo de midiatização, mas ainda assim, ela está ali, porque:

...a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida. (BARTHES, 2001, p. 103-104.)

O jornalismo está sempre narrando acontecimentos ou contando eventos. Atualmente, existem inúmeras formas de narrar disponíveis, ainda assim, ela constitui um processo informativo que precisa ser mediada por um canal. No sentido de tentarmos entender o significado de mudança no conceito de narrativa jornalística, vamos abordar os aspectos destacados pelos pesquisadores como essenciais a fim de que uma narrativa seja considerada inovadora no jornalismo.

Motta afirma que a narrativa, enquanto objeto de estudo, pode ser dividida em três instâncias: plano de expressão (linguagem ou discurso), plano de estória (conteúdo) e plano da metanarrativa (tema de fundo). Nesse sentido concordamos com Motta quando ele menciona que:

Existem muitas notícias e reportagens que são narrativas integrais, histórias mais ou menos completas, com princípio, meio e fim.

Podem ser isoladamente analisadas como narrativas fechadas porque possuem uma unidade integral. Entretanto, a nossa opção aqui é pela análise de um conjunto de notícias isoladas sobre um mesmo tema publicadas dia após dia, que aparentemente não possuem narratividade. Propomos integrar essas notícias isoladas em um conjunto significativo solidário, como uma história única: um acontecimento. Juntar o que a dinâmica da atividade jornalística separa. Reunir as notícias diárias em episódios e sequências maiores, como se fossem um acontecimento único e singular. (MOTA, 2005, p.3)

Para o autor (2005), no texto jornalístico a narrativa é objetiva, pautada na realidade onde a maior parte das narrativas produzidas pela mídia explora o fático. Já os jornalistas conduzem bem o discurso com a intenção de causar efeito de sentido e impacto, por isso sempre devemos olhar o todo do processo e não apenas seu resultado. Toda a narrativa engloba um processo de construção que não é ingênuo, seja no campo ficcional ou jornalístico.

As narrativas englobam tudo que perpassa a nossa cultura, representam a nossa forma de enxergar o mundo e de nos expressarmos nele. Entendendo-as como portadoras de todo o conhecimento tanto objetivo como subjetivo do mundo, de acordo com Luiz Gonzaga Motta (2005).

Para tanto, iremos concentrar nossa atenção nas reportagens que destacam os seguintes aspectos: Texto *longform*, recursos sonoros, verbais e visuais, recursos expressivos (algumas figuras de linguagens como a ironia) e capacidade de imersão (Longhi, 2021) Abaixo, temos um quadro que foi utilizado nas análises das reportagens.

Quadro 9- Inovação na Narrativa

Inovação na Narrativa	InfoAmazonia	Agência Pública	Amazônia Real
Período	Abr-Ago/22	Abr/18	Nov/21-Nov/22
Texto <i>longform</i>	X	X	X
Elementos expressivos		X	X

Recurso de Áudio		X	X
Recurso Visual	X	X	X
Capacidade de imersão			

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2022

Na Inovação estratégica são incorporadas ao jornalismo estratégias como projetos especiais ou estratégias vindas de outras áreas de atuação, como do marketing. Entendemos que essas estratégias também perpassam pela atualização profissional assim como pelas ações de participação do público. Esse é o reflexo de um cenário de mudanças pelas quais o jornalismo vem passando, o que é consenso entre os autores citados na pesquisa. Nesse cenário, as empresas de comunicação recorrem a estratégias de outras áreas a fim de tentar escapar de um cenário de crise financeira. A seguir, o quadro com os aspectos da inovação estratégica.

Quadro 10- Inovação Estratégica

Inovação estratégica	InfoAmazonia	Agência Pública	Amazônia Real
Período	Abr-Ago/22	Abr/18	Nov/21-Nov/22
Técnicas de Marketing	X	X	X
Projetos especiais	X	X	
Atualização profissional		X	X

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2022

Já a inovação de tecnologias digitais se intensifica com a popularização da internet. A partir desta categoria, a internet passa a ser incorporada nas práticas das empresas jornalísticas, tanto na produção, como na circulação e no consumo de

conteúdos. A utilização das mídias digitais pelo jornalismo alterou as suas estruturas, pois ele precisou se adaptar a esse novo modelo - cada vez mais dinâmico, principalmente com a popularização de dispositivos móveis. Abaixo, apresentaremos o quadro dos aspectos de inovação de tecnologias digitais.

Quadro 11- Inovação de Tecnologias Digitais

Inovação de tecnologias digitais	InfoAmazonia	Agência Pública	Amazônia Real
Período	Abr-Ago/22	Abr/18	Nov/21-Nov/22
Recursos multimidiáticos	X	X	X
Rede sociais	X	X	X
Infográficos	X	X	X
Uso de dispositivos móveis	X	X	X
Realidade virtual			

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2022

Essas três categorias resumidamente apresentadas (inovação na narrativa, inovação na estratégia e inovação de tecnologias digitais) que foram criadas a partir de desdobramentos dos eixos de inovação (conceito, tecnologias digitais, estratégia, empreendedorismo, ensino e narrativa) encontrados no estado da arte, refletem a complexidade e as limitações que o processo da pesquisa apresenta a cada nova etapa de desenvolvimento - o que demanda constantes ajustes de rotas e novas escolhas metodológicas que nos auxiliem a dar continuidade ao trabalho proposto inicialmente.

Nesse sentido, elencamos a categoria inovação na narrativa para nos direcionar em nossas análises sobre as reportagens referentes aos povos

indígenas. Essa escolha se dá por acreditarmos que essa categoria melhor contempla os aspectos de nossa análise.

3.3 Critérios de escolha do *corpus*

O critério de escolha do *corpus* corresponde à fase exploratória da pesquisa, a fim de entendermos a aplicação da inovação no jornalismo, iremos nos deter as narrativas presentes nas reportagens. Para tanto, escolhemos como recorte as reportagens que abordam temáticas relativas aos povos indígenas da Amazônia, sobretudo porque a relação entre inovação e jornalismo implica em reconhecer também os impactos sociais dessas narrativas.

Percebemos que a forma como os povos indígenas são apresentados na mídia tradicional reflete um cenário que vem carregado de perpetuação de estereótipos e falta de protagonismo desses agentes sociais. Os veículos jornalísticos independentes costumam adotar uma abordagem diferente daquelas que vem sendo recorrentemente apresentadas na mídia tradicional sobre os povos indígenas, procurando fazer uso social dos seus processos midiáticos a fim de dar uma maior visibilidade e protagonismo a esses povos.

Nesse sentido, as mídias independentes como o InfoAmazonia, a Agência Pública e a Amazônia Real surgem como forma de se contraporem à lógica tradicional de se fazer comunicação e, mais especificamente, jornalismo. Elas divulgam seus trabalhos de forma independente e com maior liberdade, criando um contexto mais amplo para o protagonismo destes povos em questões sociais que geralmente são deixadas em segundo plano pela mídia hegemônica ou tradicional.

Assim, compreendemos que essa é uma forma de subverter a comunicação imposta, que visa atender a uma demanda política ou capitalista específica. Nesse sentido, entendemos que esse é um dos modos de inovar no jornalismo consciente de sua função social. Várias empresas jornalísticas, no Brasil e no mundo - InfoAmazonia, Agência Pública e o Amazônia Real são um exemplo disso- vêm fazendo um esforço constante apostando na inovação em suas reportagens. No entanto, ainda existem muitas lacunas para sua compreensão no campo jornalístico. Uma dessas lacunas diz respeito às limitações de cunho financeiro e estrutural que

dificultariam o trabalho mais eficiente e amplo dessas empresas, sobretudo no tocante às transformações sociais.

Para a construção do corpus desta pesquisa, seguimos várias trilhas. Do veículo InfoAmazonia, selecionamos as reportagens identificadas a partir da busca na ferramenta explorar, de sua própria plataforma. Nela, digitamos o termo “povos indígenas” e obtivemos 274 resultados no dia escolhido para a coleta, porém apenas 14 reportagens entre reportagens especiais, projetos e reportagens factuais falavam sobre os povos indígenas. No quadro 12, a seguir, apresentamos a relação destas reportagens, com a respectiva modalidade, autoria, título, link e data de publicação. A data de publicação no quadro se dá em ordem decrescente por ser assim que se mostra na plataforma: do mais recente para o mais antigo o que neste caso, correspondeu ao período de abril a agosto de 2022.

Quadro 12 - Reportagens do InfoAmazonia selecionadas para a pesquisa

		Data de publicação
1-Reportagem Especial: Fábio Zuker	“Da Transamazônia à Usina de Belo Monte, a tragédia Arara que vem desde a Ditadura” https://infoamazonia.org/2022/08/08/da-transamazonia-a-usina-de-belo-monte-a-tragedia-arara-que-vem-desde-a-ditadura/	08 de agosto de 2022
2-Reportagem: Jullie Pereira	“A criação de organizações indígenas têm muito a ver com a formação escolar” https://infoamazonia.org/2022/08/02/a-criacao-de-organizacoes-indigenas-tem-muito-a-ver-com-a-formacao-escolar/	02 de agosto de 2022
3-Reportagem: InfoAmazonia	“Holding ligada ao agronegócio aposta na mineração em terras indígenas e ameaça isolados da Amazônia” https://infoamazonia.org/2022/07/27/holding-ligada-ao-agronegocio-aposta-na-mineracao-em-	27 de julho de 2022

	<u>terras-indigenas-e-ameaca-isolados-da-amazonia/</u>	
4-Reportagem Especial: Fábio Zuker	“Dividida pela Transamazônia, TI Apinajé ainda aguarda por demarcação de área excluída pela Ditadura” <u>https://infoamazonia.org/2022/07/20/dividida-pela-transamazonia-ti-apinaje-ainda-aguarda-por-demarcacao-de-area-excluida-pela-ditadura/</u>	20 de julho de 2022
5-Reportagem: Jullie Pereira	“Indígenas denunciam impactos causados por oito pequenas hidrelétricas no rio Branco, em Rondônia” <u>https://infoamazonia.org/2022/07/15/indigenas-denunciam-impactos-causados-por-oito-pequenas-hidreletricas-no-rio-branco-em-rondonia/</u>	15 de julho de 2022
6-Reportagem: Renato Santana	“Crimes de tutela”: a ideologia da Ditadura por trás da política anti-indígena de Bolsonaro” <u>https://infoamazonia.org/2022/07/12/crimes-de-tutela-a-ideologia-da-ditadura-por-tras-da-politica-anti-indigena-de-bolsonaro/</u>	12 de julho de 2022
7-Reportagem: Leandro Chaves	“Vimos no Vale do Javari como as palavras de um presidente influenciam no aumento do crime”, diz indigenista Carlos Travassos” <u>https://infoamazonia.org/2022/06/16/entrevista-carlos-travassos-vale-do-javari/</u>	16 de junho de 2022
8-Reportagem: Fábio Bispo	“Sem proteção da Funai, invasores cercam indígenas isolados na região mais desmatada da Amazônia” <u>https://infoamazonia.org/2022/06/15/sem-protecao-da-funai-invasores-cercam-indigenas-isolados-na-regiao-mais-desmatada-da-amazonia/</u>	15 de junho de 2022

<p>9-Reportagem Especial: Renato Santana</p>	<p>“Como a mineração na Ditadura Militar converteu TI Igarapé Preto em pesadelo distópico”</p> <p>https://infoamazonia.org/2022/06/13/como-a-mineracao-na-ditadura-militar-converteu-ti-igarape-preto-em-pesadelo-distopico/</p>	<p>13 de junho de 2022</p>
<p>10-Reportagem: Julia Dolce</p>	<p>“Fizemos a autodemarcação não para preservar só para a gente, mas para todos”</p> <p>https://infoamazonia.org/2022/06/09/fizemos-a-autodemarcacao-nao-para-preservar-so-para-a-gente-mas-para-todos/</p>	<p>09 de junho de 2022</p>
<p>11-Reportagem: Jullie Pereira</p>	<p>“Fazendeiros usam gado para invadir Terra Indígena homologada há 15 anos no Pará”</p> <p>https://infoamazonia.org/2022/06/08/fazendeiros-usam-gado-para-invadir-terra-indigena-homologada-ha-15-anos-no-para/</p>	<p>08 de junho de 2022</p>
<p>12-Reportagem Especial: Julia Dolce</p>	<p>“Do garimpo aos peixes: o caminho do mercúrio até contaminar os Munduruku”</p> <p>https://infoamazonia.org/2022/05/27/do-garimpo-aos-peixes-o-caminho-do-mercuro-ate-contaminar-os-munduruku/</p>	<p>27 de maio de 2022</p>
<p>13-Reportagem: Julia Dolce</p>	<p>“Aldira Akai Munduruku: “É perigoso, mas eu não tenho medo”</p> <p>https://infoamazonia.org/2022/05/18/aldira-akai-munduruku-e-perigoso-mas-eu-nao-tenho-medo/</p>	<p>18 de maio de 2022</p>

14-Reportagem Especial: Fabio Bispo	“Mineradora é acusada de coagir indígenas para explorar potássio na Amazônia” https://infoamazonia.org/2022/04/28/mineradora-e-acusada-de-coagir-indigenas-para-explorar-potassio-na-amazonia/	28 de abril de 2022
--	--	---------------------

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2022.

Neste quadro foram apresentadas 14 reportagens, das quais quatro são reportagens especiais. A análise dessas reportagens será feita no capítulo 4.

Da Agência Pública vamos analisar o conteúdo do especial chamado “Amazônia Resiste”. Trata-se de um projeto especial, uma das condições propícias ao desenvolvimento da inovação no jornalismo destacada no segundo capítulo.

Esse projeto é resultado de uma ampla investigação jornalística sobre a resistência indígena em vários pontos da maior floresta tropical do mundo. Nele, sete equipes de reportagens retratam, de abril a maio de 2018, a partir de vídeos, textos, fotografias e infográficos, o que acontece em campo no Pará, Mato Grosso e Brasília – das aldeias às instâncias de poder relacionadas à realidade indígena.

Os personagens principais dessa narrativa são os índios e, especialmente, a resistência que exercem diante de um quadro completamente desfavorável ao seu modo de vida. Entre o material disponibilizado no projeto é possível encontrar três reportagens em vídeos com aproximadamente seis minutos cada, três reportagens em profundidade e uma galeria de fotos disponibilizadas dentro de um infográfico da região investigada. Para esta análise, vamos nos deter apenas ao conjunto das seis reportagens. A seguir, o quadro 13 com as informações sobre essas reportagens, cujas datas de publicação também são dispostas em ordem decrescente conforme o resultado da busca feita no site da Agência Pública.

Quadro 13 - Reportagens do Projeto ‘Amazônia Resiste’ - Agência Pública

Reportagens da Agência Pública “Amazônia Resiste”		
15-Reportagem: Maíra Streit Infográficos: Bruno Fonseca	“35 anos depois do deputado Juruna, indígenas continuam sem representação política no país” https://apublica.org/2018/04/35-anos-depois-do-deputado-juruna-indigenas-continuam-sem-representacao-politica-no-pais/	25 de abril de 2018
16-Reportagem: Iuri Barcelos, Maíra Streit Infográficos: Bruno Fonseca	“Indígenas enfrentam a maior ofensiva parlamentar em 20 anos” https://apublica.org/2018/04/indigenas-enfrentam-a-maior-ofensiva-parlamentar-em-20-anos/	24 de abril de 2018
17-Reportagem: Maíra Streit Infográficos: Bruno Fonseca	“Ruralistas derrubam dois presidentes da Funai em menos de um ano” https://apublica.org/2018/04/ruralistas-derrubam-dois-presidentes-da-funai-em-menos-de-um-ano/	23 de abril de 2018
18-Reportagem: Marina Amaral	“Judiciário é tábua de salvação de direitos indígenas, diz procurador” https://apublica.org/2018/04/judiciario-e-tabua-de-salvacao-de-direitos-indigenas-diz-procurador/	23 de abril de 2018
19-Reportagem: Vasconcelo Quadros	“Bancada BBB domina política indigenista do governo” https://apublica.org/2018/04/bancada-bbb-domina-politica-indigenista-do-governo/	23 de abril de 2018

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2022.

Da agência Amazônia Real, vamos analisar 18 reportagens da aba povos indígenas, coletadas no período de novembro de 2021 a julho de 2022.

Quadro 14 - Reportagens selecionadas da agência Amazônia Real

		Data de publicação
20-Reportagem: Wérica Lima	“Caravana das Originárias revela o protagonismo da mulher indígena em meio a desafios” https://amazoniareal.com.br/caravana-das-originarias-revela-o-protagonismo-da-mulher-indigena-em-meio-a-desafios/	07 de julho de 2022
21-Reportagem: Cristina Ávila	“A luta feminina Kayapó entre dois mundos” https://amazoniareal.com.br/a-luta-feminina-kayapo-entre-dois-mundos/	26 de julho de 2022
22-Reportagem: Marcio Camilo	“Liderança Guarani Kaiowá é ameaçada de morte” https://amazoniareal.com.br/lideranca-guarani-kaiowa/	22 de julho de 2022
23-Reportagem: Ariel Bentes	“‘A minha vida é para frente também’, diz liderança Hupd’äh” https://amazoniareal.com.br/a-minha-vida-e-para-frente-tambem-diz-lideranca-hupdah/	05 de julho de 2022
24-Reportagem: Katia Brasil	“Indígenas Yanomami do Marauíá fazem protesto por melhorias na saúde” https://amazoniareal.com.br/indigenas-yanomami-do-marauia-fazem-protesto-por-melhorias-na-saude/	03 de julho de 2022
25-Reportagem: Isabelle Maciel	“Lideranças indígenas do Baixo Tapajós debatem proteção na Amazônia” https://amazoniareal.com.br/liderancas-indigenas-do-baixo-tapajos-debatem-protecao-na-amazonia/	23 de junho de 2022

26-Reportagem: Edda Ribeiro	“Como o governo desconsiderou quase 400 indígenas mortos por Covid-19” https://amazoniareal.com.br/indigenas-covid-19/	06 de junho de 2022
27-Reportagem: Cicero Pedrosa Neto	“Povo Kayapó luta para expulsar garimpo” https://amazoniareal.com.br/povo-kayapo/	25 de maio de 2022
28-Reportagem: Amazônia Real	““Eu quero passar com meu cocar”, defendem indígenas LGBTQIA+” https://amazoniareal.com.br/indigenas-lgbtqia-2/	03 de maio de 2022
29-Reportagem: Fabrício Araújo	“Menina Yanomami de 12 anos é assassinada depois de ser estuprada por garimpeiros” https://amazoniareal.com.br/menina-yanomami-estuprada-morta/	26 de abril de 2022
30-Reportagem: Elaíze Farias	“Garimpeiros invadem aldeia no Vale do Javari e obrigam indígenas a tomarem cachaça e gasolina” https://amazoniareal.com.br/garimpeiros-invadem-aldeia-no-vale-do-javari-e-obrigam-indigenas-a-tomarem-cachaca-e-gasolina/	20 de abril de 2022
31-Reportagem: Cristina Ávila	“Pré-candidatas indígenas defendem suas causas e mostram força em Brasília” https://amazoniareal.com.br/pre-candidatas-indigenas-defendem-suas-causas-e-mostram-forca-em-brasilia/	11 de abril de 2022
32-Reportagem: Cristina Ávila	“Brasil é denunciado na ONU por violações aos direitos dos indígenas” https://amazoniareal.com.br/direitos-indigenas/	06 de abril de 2022

33-Reportagem: Nicoly Ambrosio	“Marcas e estilistas independentes inovam o cenário da moda em Manaus” https://amazoniareal.com.br/marcas-e-estilistas-independentes-inovam-o-cenario-da-moda-em-manaus/	01 de abril de 2022
34-Reportagem: Cristina Ávila	“Governo Bolsonaro ignora Ato pela Terra e aprova tramitação do PL 191” https://amazoniareal.com.br/bolsonaro-ignora-ato-pela-terra/	09 de março de 2022
35-Reportagem: Jullie Pereira	“Ações da Funai ameaçam povos isolados” https://amazoniareal.com.br/povos-isolados-funai/	04 de fevereiro de 2022
36-Reportagem: Elaíze Farias	“Como os indígenas de Manaus foram apagados na pandemia” https://amazoniareal.com.br/como-os-indigenas-de-manaus-foram-apagados-na-pandemia/	17 de dezembro de 2021
37-Reportagem: Keka Werneck	“Indígenas LGBTQIA+ rompem o silêncio” https://amazoniareal.com.br/indigenas-lgbtqia/	02 de dezembro de 2021
38-Reportagem: Keka Werneck	“Com mais mestres e doutores, indígenas recontam suas próprias histórias” https://amazoniareal.com.br/mestres-e-doutores-indigenas/	09 de novembro de 2021

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2022.

Encerramos este capítulo com apontamentos sobre as trilhas metodológicas percorridas até chegarmos aos eixos de inovação no jornalismo e como esses eixos se desdobraram em categorias analíticas de inovação. Apresentamos os critérios utilizados para compor a escolha do *corpus* e finalizamos com os quadros 12, 13 e 14 sintetizando o conjunto das reportagens selecionadas. Discutidas as premissas dos processos, parte-se agora para a análise das principais temáticas encontradas nas reportagens selecionadas, conforme capítulo 4 a seguir.

4. PRINCIPAIS TEMÁTICAS IDENTIFICADAS NAS REPORTAGENS ANALISADAS: A PRESENÇA DA DIMENSÃO SOCIAL ENQUANTO INOVAÇÃO NO JORNALISMO

4.1. As principais temáticas

Com base nas categorias de inovação propostas no capítulo três desta pesquisa (inovação na narrativa, inovação estratégica e inovação de tecnologias digitais), vamos centrar nosso olhar para a categoria de inovação na narrativa. Essa escolha se justifica por alguns motivos. Primeiramente, pela necessidade de delimitação das ferramentas analíticas, uma vez que o prazo para conclusão deste trabalho estava expirando.

Em seguida, porque, dentre as três categorias, é a inovação na narrativa que mais se aproxima do nosso objeto de análise, sendo a que mais possibilita desdobramentos de interpretação. Além disso, entendemos que ela pode abarcar as outras duas categorias, uma vez que as narrativas digitais costumam usar uma gama de recursos tecnológicos em sua construção, escolha que também funciona como estratégia para atrair o público alvo. E por fim, a inovação narrativa também é uma das categorias que melhor traduz o caráter social que pode ser visto como um fator de inovação dos veículos independentes.

Em nossa análise, abordamos a narrativa principalmente enquanto conteúdo, mas não vamos desprezar os poucos aspectos estruturais que encontramos em seu formato, tendo em vista, a escassez de reportagens dos veículos independentes pesquisados no que se refere ao uso de todas as potencialidades de inovação.

Para ordenação do material empírico, mais uma vez recorreremos às três fases da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Na primeira fase, que corresponde a pré-análise, separamos, dentre as 38 reportagens selecionadas, matérias que se agruparam na mesma temática, aplicando a regra da homogeneidade onde “devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios” (BARDIN, 2011, p. 98).

A partir dessa aproximação temática dos conteúdos e da observação de regularidades dentre as reportagens, alinhamos os objetivos propostos na pesquisa e seguimos para a segunda fase, que corresponde à exploração do material. Assim, criamos seis novos grupos temáticos (protagonismo feminino, invasão de terras

indígenas, resistência, covid-19 (saúde) e violência) a fim de facilitar nossa interpretação do conteúdo narrativo de inovação no jornalismo.

Acreditamos que a Análise de Conteúdo nos auxiliou a organizar os dados que foram surgindo e que despontavam como possíveis respostas para a questão de investigação que é compreender: Como a inovação se manifesta nas reportagens produzidas por veículos independentes voltados para a Amazônia? Nesse sentido, entendemos que a análise de conteúdo foi um instrumento metodológico eficaz para a nossa pesquisa, pois nos ajudou a sistematizar o enunciado do sujeito na narrativa.

A seguir, apresentamos o quadro 15, que exemplifica de forma resumida o conjunto das seis temáticas nas quais foram agrupadas as 38 reportagens aqui analisadas, produzidas pelos veículos independentes InfoAmazonia, Agência Pública e Amazônia Real.

Quadro 15 - Grupos Temáticos das reportagens analisadas

Temas	Breve descrição	Nº de reportagens
1- Protagonismo Feminino Indígena	São reportagens que trazem em suas narrativas personagens que destacam o protagonismo feminino indígena.	5
2- Invasão de Terras Indígenas	São reportagens que trazem em suas narrativas conteúdos relativos à invasão das terras indígenas.	6
3- Política	São reportagens que trazem em suas narrativas a temática relacionada à política.	10
4- Resistência	São reportagens que trazem em suas narrativas o processo de resistência indígena.	7
5- Covid-19 (Saúde)	São reportagens que trazem em suas narrativas a invisibilização dos povos indígenas indígenas no	3

Temas	Breve descrição	Nº de reportagens
1- Protagonismo Feminino Indígena	São reportagens que trazem em suas narrativas personagens que destacam o protagonismo feminino indígena.	5
2- Invasão de Terras Indígenas	São reportagens que trazem em suas narrativas conteúdos relativos à invasão das terras indígenas.	6
	período da pandemia de covid-19.	
6- Violência	São reportagens que trazem em suas narrativas as formas de de violência praticadas contra os povos indígenas	7

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2022.

Cada grupo temático acima mencionado possui seus desdobramentos e especificidades, sobretudo os grupos política, resistência e violência. Por apresentarem uma quantidade maior de reportagens, esses desdobramentos serão apresentados nas interpretações e análises que vamos elencar a partir dos tópicos a seguir.

4.1.1 - FIG. 06 - Reportagens com conteúdos relacionados ao protagonismo feminino indígena



Fonte: Amazônia Real, 2022.

Para a análise temática desse grupo escolhemos cinco matérias, dentro do nosso universo de pesquisa, que ressaltam o protagonismo feminino, a resistência política e a exaltação da mulher indígena que enfrenta o preconceito, o machismo, o feminicídio e a segregação social e política.

A primeira reportagem: “Caravana das Originárias revela o protagonismo da mulher indígena em meio a desafios”. Entre relatos de violência, mulheres indígenas reúnem-se para somar forças e buscar soluções. A caravana resultará em um dossiê com relatórios sobre os problemas e desafios encontrados e a busca de soluções.

A segunda reportagem traz “A luta feminina Kayapó entre dois mundos”. Em entrevista, Maial Paiakan, jovem liderança indígena, relata a trajetória de resistência de sua família e fala sobre a decisão de disputar uma vaga na Câmara dos Deputados, inspirada pela história do pai, Paulinho Paiakan, e de mulheres ancestrais

A terceira reportagem apresenta a história da “Liderança Guarani Kaiowá é ameaçada de morte”. Leila Rocha, de 61 anos, participou da retomada histórica Tekoha Yvy Katu, em Japorã (MS), e denuncia os arrendamentos ilegais que explodiram nos últimos anos nas terras de seu povo.

A quarta reportagem menciona como as “Pré-candidatas indígenas defendem suas causas e mostram força em Brasília”. Um grupo de mulheres que pretendem disputar as eleições de 2022 participou de uma reunião com o presidente do TSE, Edson Fachin, onde falaram sobre as suas lutas na plenária do Acampamento Terra Livre.

E a quinta reportagem: “Aldira Akai Munduruku: “É perigoso, mas eu não tenho medo”. Entrevista com Aldira Akai, uma das ativistas comunicadoras do coletivo de mulheres Munduruku Daje Kapap Eypi, que utiliza o audiovisual na luta pela demarcação de sua terra e na denúncia de crimes ambientais.

As reportagens são divididas por tópicos e apresentam fotografias bem elaboradas. O conteúdo das narrativas têm um caráter de denúncia. Os textos possuem um maior número de caracteres, em torno de 15 mil. O protagonismo feminino indígena é muito bem representado pela força e coragem das personagens escolhidas em cada matéria.

As mulheres indígenas têm lutado por direitos iguais e justiça há décadas, enfrentando múltiplas formas de opressão, incluindo o colonialismo, o racismo e o sexismo - tendo em vista que as perspectivas feministas ocidentais nem sempre foram sensíveis às experiências das mulheres não ocidentais e às diferenças culturais, incluindo as mulheres indígenas. Elas têm desenvolvido

suas próprias perspectivas feministas que valorizam suas tradições, culturas e necessidades específicas.

Seguindo as ondas dos movimentos feministas vigentes, exercem em um lugar de protagonismo e liderança na história, particularmente, no que se refere à iniciativa nas lutas políticas e na tomada de poder. Porém, o lugar da cultura indígena seguindo a lógica do Brasil e de outros países, ainda é um espaço machista e sexista. Os homens dentro das próprias aldeias, que exercem um papel de liderança, reforçam o machismo e o apagamento dessas vozes.

Essas situações exigem das mulheres indígenas vários enfrentamentos, porque elas precisam lidar com a barreira cultural e com machismo presente em suas comunidades. E ainda têm que lutar por direitos básicos, fora da tribo, na sociedade urbana. Podemos destacar que esse tipo de mudança de postura por parte das mulheres indígenas corrobora com o que Maldonado-Torres (2019) chama de feminismos decoloniais.

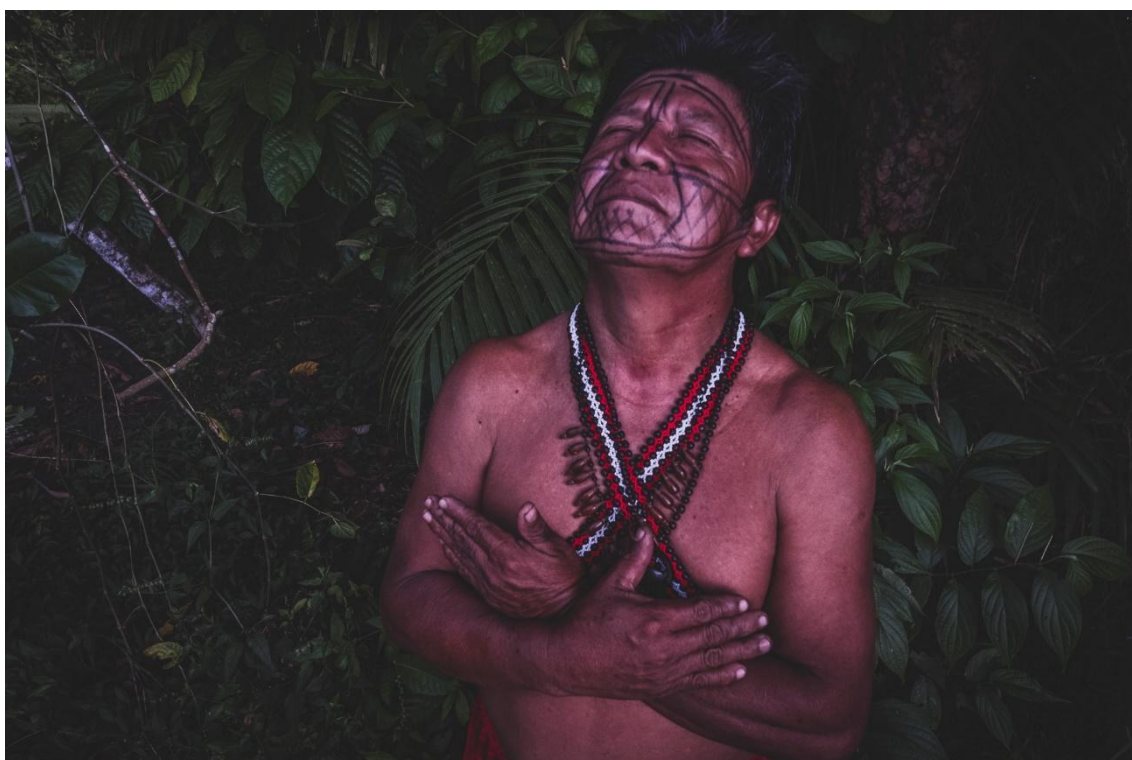
Quando essas mulheres se apresentam como enunciadoras, questionadoras e comunicadoras, elas estão se comprometendo com um projeto muito maior que abre possibilidades para superar opressões e inferioridades impostas por uma matriz de pensamento colonialista.

As mulheres indígenas reforçam o protagonismo feminino na busca pela inserção em espaços de forma democrática, reivindicando que os poderes precisam estabelecer um diálogo de modo igualitário entre os poderes e o povo. Essas mulheres fazem um trabalho de formiguinhas, mas estão lutando por representação e destacam a necessidade do voto em mulheres indígenas como uma forma de lutar contra o extermínio da população indígena.

No que se refere à inovação no jornalismo também podemos destacar a inovação na narrativa por meio da preocupação com o discurso e o uso da metanarrativa como plano de fundo, o que dá um lugar de destaque às mulheres entrevistadas. A utilização de recursos próprios da inovação narrativa como o texto *longform*, elementos expressivos, recursos de áudio e a exploração de recursos visuais. Examinando a estrutura e o conteúdo das narrativas podemos observar que elas são reportagens integrais que têm o objetivo de estabelecer o significado e destacar a importância dessas mulheres.

Todas as reportagens selecionadas, que destacam o protagonismo feminino indígena, foram coletadas no site da Amazônia Real, plataforma que representa a esfera regional da pesquisa, o que nos revela uma maior preocupação desse do veículo em abordar a temática, em relação às outras plataformas analisadas como a Agência Pública e o InfoAmazonia.

4.1.2 - FIG. 07 - Reportagens com conteúdos sobre a invasão de terras indígenas



Fonte: InfoAmazonia, 2022.

Neste grupo, vamos abordar os conteúdos narrativos relativos à invasão das terras indígenas. Para tanto, selecionamos seis reportagens, as quais retratam a tentativa de extermínio indígena, exploração de territórios protegidos, a ameaça aos povos isolados e os impactos causados pela criação de hidrelétricas no território indígena.

A primeira reportagem: “Da Transamazônia a Usina de Belo Monte, a tragédia Arara que vem desde a Ditadura”, Mostra que a construção da Transamazônica no Pará atravessou território indígena Arara, com uma

violência generalizada, com tentativas de exterminar os indígenas a partir do final dos anos 1960 e ao longo da década de 1970. Afetada pela Usina Hidrelétrica de Belo Monte, a Terra Indígena Cachoeira Seca alcança até hoje recordes de desmatamento.

A segunda reportagem: "Holding ligada ao agronegócio aposta na mineração em terras indígenas e ameaça isolados da Amazônia". Demonstra que os pedidos de mineração em terras indígenas dispararam entre os anos de 2021 e 2022 com a expectativa de aprovação do PL 191/2020, que buscava autorizar a exploração nos territórios protegidos. Com sede no Paraná, a Oxycer Holding decidiu apostar alto na mineração em terras indígenas.

A terceira reportagem: "Dividida pela Transamazônica, TI Apinajé ainda aguarda por demarcação de área excluída pela Ditadura". Há 25 anos indígenas lutam pela demarcação de seu território na integridade, e clamam que a área que permanece fora da demarcada é fundamental para sua existência. O clima de violência que marcou o processo de demarcação nos anos 1980 volta à região.

A quarta reportagem: "Indígenas denunciam impactos causados por oito pequenas hidrelétricas no rio Branco, em Rondônia". Pequenas Centrais Hidrelétricas são consideradas de baixo impacto e têm licenciamento ambiental facilitado, mas a grande quantidade delas no rio tem impacto equivalente a de uma usina hidrelétrica.

A quinta reportagem: "Fizemos a autodemarcação não para preservar só para a gente, mas para todos". Nessa entrevista, o cacique da aldeia Sawré Muybu, Juarez Saw Munduruku, fala das ameaças de morte que sofre na região e analisa a importância da autodemarcação do território diante do avanço do garimpo na região.

E a sexta reportagem: "Fazendeiros usam gado para invadir Terra Indígena homologada há 15 anos no Pará". Ameaçado por fazendeiros, povo Parakanã aguarda providências. O Ministério Público Federal pediu à Justiça a punição do governo federal com uma multa diária enquanto a desintrusão não for feita.

A invasão de terras indígenas é uma questão complexa e controversa que tem sido uma fonte de conflitos no Brasil e em outros países ao redor do mundo. As terras indígenas são áreas que foram demarcadas e destinadas à

posse permanente dos povos indígenas, de acordo com a Constituição Brasileira de 1988.

É importante ressaltar que a representação que os povos originários fazem da natureza é bem diferente do critério utilizado pela dita civilização. Para os povos tradicionais, sua ligação com a terra evidencia sua percepção do sagrado, sua ligação com o respeito e a manutenção do ecossistema que reflete suas crenças em divindades e espíritos, por exemplo.

A compreensão ocidental, branca e capitalista compreende um longo processo de dessacralização do mundo natural. Em face do avanço de um modelo científico positivista, das demandas do capitalismo e do desenvolvimento da cultura. A natureza deixou de ser a morada do sagrado e passou a ser um objeto a ser explorado.

A objetificação do natural incutiu a ideia de que os povos tradicionais eram inferiores com relação à sociedade cientificista. Isso criou margem para a exploração e violência contra os povos indígenas, vistos desde o processo colonizador como seres inferiores, como menciona Quijano (2005). Muitas das vezes, esse processo ocorre devido a interesses com a exploração de recursos naturais, a construção de obras públicas, a expansão da agropecuária, entre outros. Essas atividades podem levar à degradação ambiental, à perda de habitat e à destruição de tradições culturais e modos de vida indígenas.

As invasões de terras indígenas são consideradas ilegais e tratadas como crime pelo Estado brasileiro. As autoridades responsáveis pela proteção das terras indígenas são a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e a Polícia Federal. No entanto, em diversas situações, essas instituições são sub financiadas e têm poucos recursos para proteger as terras indígenas. O sucateamento dessas instituições enfraquece a luta pela preservação dos direitos das comunidades indígenas que têm no poder estatal o seu recurso de defesa contra a própria sociedade.

Por esse motivo, encontramos uma ambivalência dessa atuação. Há uma tensão sempre persistente no que diz respeito aos órgãos públicos que defendem as áreas indígenas e o interesse do poder privado que tem por

objetivo a ampliação de suas áreas de influência econômica e que mantém zonas de influência no próprio poder público.

Além disso, a questão da demarcação das terras indígenas é frequentemente alvo de disputas políticas e ideológicas. Alguns setores políticos e empresariais acreditam que a demarcação de terras indígenas é um obstáculo ao desenvolvimento econômico e defendem a revisão dos critérios de demarcação. Entendemos que o espaço não é algo meramente físico, mas no qual uma cultura pode desenvolver-se, isso mantém relação com a necessidade de expressão e vivência de um povo.

É importante lembrar que a proteção das terras indígenas é um direito constitucional e um compromisso do Estado brasileiro com a preservação da diversidade cultural e da biodiversidade. É preciso garantir que os povos indígenas tenham o direito de viver em suas terras tradicionais e de decidir sobre como usar e preservar seus recursos naturais.

A sua identidade depende da conexão com a floresta e com a cultura. Esse é o pertencimento indígena de um povo que luta e que resiste, apesar de toda adversidade. Suas terras são invadidas por garimpeiros, posseiros, fazendeiros, empresas madeireiras. Ou são cortadas por estradas, ferrovias, linhas de transmissão de energia. Fora os efeitos colaterais que os povos da floresta sofrem com a poluição de rios, desmatamentos, queimadas.

Por todas essas dificuldades que os povos da floresta enfrentam diariamente, eles sabem a importância de ter um território demarcado, pois dele depende a sua existência. O direito ao território garante a cidadania dos povos da floresta, nesse espaço é possível exercer a sua cultura, os seus costumes e as suas tradições. Essa luta é o ponto em comum entre todas as tribos.

Com relação à inovação na narrativa, destacamos o plano de expressão por meio da linguagem e o plano de fundo é a invasão das terras indígenas. Um dos elementos-chave da narrativa é identificar o enredo, ou a sequência de eventos que compõem a história. Isso envolve observar como os eventos estão conectados e como eles contribuem para o arco narrativo geral. Nesse sentido, os elementos como o texto *logform* e os recursos visuais completam esse arco

narrativo e tornam-se significativos porque passam a expressar, representar e comunicar essas ideias e sentimentos como elementos expressivos.

4.1.3 FIG 08 Reportagens com conteúdos de política



Fonte: Amazônia Real, 2022

Neste grupo, vamos abordar a temática em torno do tema política. Com relação ao nosso universo pesquisado, essa foi a temática que mais surgiu nas reportagens sobre os povos indígenas contabilizando reportagens. Dentre seus diversos desdobramentos, podemos destacar a ausência de políticas públicas voltadas aos povos indígenas, o descaso do governo com os povos, os crimes políticos e a luta por representação política indígena.

A primeira reportagem: “Crimes de tutela”: a ideologia da Ditadura por trás da política anti-indígena de Bolsonaro”. A Terra Indígena Ananás, em Roraima, aguarda há 22 anos pela revisão de seus limites. Entre 1977 e 1982, a Ditadura Militar agiu diretamente de maneira criminosa para reduzir o território dos Macuxi e Wapichana antes de demarcá-lo.

A segunda reportagem: “35 anos depois do deputado Juruna, indígenas continuam sem representação política no país”. Segundo TSE, candidatos indígenas correspondem a apenas 0,34% do total; preconceito da sociedade e falta de apoio financeiro estão entre os motivos da baixa participação.

A terceira reportagem: “Indígenas enfrentam a maior ofensiva parlamentar em 20 anos”. Levantamento revela que o ritmo das tramitações anti-indígenas é mais intenso do que outras pautas não-indígenas e que 81% dos deputados federais da “bancada BBB” são da Amazônia Legal.

A quarta reportagem: “Ruralistas derrubam dois presidentes da Funai em menos de um ano”. Postos estratégicos foram ocupados por gestores conhecidos por favorecer teses ruralistas, paralisando processos de demarcação e colocando em risco a segurança de indígenas pela ausência de vigilância, sobretudo na Amazônia.

A quinta reportagem: “Judiciário é tábua de salvação de direitos indígenas, diz procurador”. Conhecido por sua atuação pela garantia dos direitos constitucionais de indígenas e quilombolas na Amazônia, Felício Pontes diz que o poder Judiciário, embora ainda em transição, é a principal barreira contra o retrocesso ruralista.

A sexta reportagem: “Bancada BBB domina política indigenista do governo”. Atribuições da Funai e do Ministério da Justiça foram deslocadas para Casa Civil, que articula com a bancada ruralista e seus aliados as principais decisões envolvendo a política indígena e as terras na Amazônia.

A sétima reportagem: “Brasil é denunciado na ONU por violações aos direitos dos indígenas”. A denúncia, realizada em audiência internacional no Acampamento Terra Livre, se estendeu também para o Parlamento Europeu e os advogados indígenas ganharam protagonismo inédito.

A oitava reportagem: “Governo Bolsonaro ignora Ato pela Terra e aprova tramitação do PL 191”. Durante a realização do evento convocado por Caetano Veloso, o presidente da Câmara, Arthur Lira, costurou a votação do requerimento para que o projeto de lei que libera mineração em terras indígenas passe a tramitar no Congresso.

A nona reportagem: “Ações da Funai ameaçam povos isolados”. A Fundação protela ou não prorroga portarias que protegeriam terras de indígenas isolados e flexibilizou a entrada de invasores.

E a décima reportagem: “Vimos no Vale do Javari como as palavras de um presidente influenciam no aumento do crime”, diz o indigenista Carlos

Travassos”. Com uma experiência de 15 anos na defesa de povos isolados e de recente contato, o geógrafo e indigenista Carlos Lisboa Travassos conta como percebeu o surgimento, no Vale do Javari, de uma estrutura criminosa sofisticada após a posse de Bolsonaro.

A relação entre os povos indígenas e a política é complexa e multifacetada. Historicamente, os povos indígenas têm sido marginalizados e excluídos das estruturas políticas e governamentais de onde vivem. Essa exclusão tem levado a uma série de injustiças, como a perda de terras ancestrais, a violação de direitos humanos e a degradação ambiental.

A história dos povos indígenas é marcada por diversas formas de opressão e violência, incluindo a colonização, a escravidão, o genocídio e a expropriação de suas terras. O que faz com que a relação entre os povos indígenas e a política seja muitas vezes conflituosa.

De acordo com Elaide Martins (2021), as mídias independentes desempenham um papel importante no discurso decolonial, pois permitem que vozes e perspectivas marginalizadas e silenciadas pela mídia tradicional sejam ouvidas. Para Quijano (2005), o discurso decolonial busca desafiar as narrativas dominantes que promovem uma visão eurocêntrica, colonialista e patriarcal do mundo, nesse sentido as mídias independentes podem contribuir para essa desestabilização ao apresentar narrativas de caráter social.

Além disso, percebemos como inovação na narrativa o papel que as mídias independentes podem desenvolver ao ajudar a descolonizar o pensamento ao questionar as formas de conhecimento e práticas culturais dominantes. Por exemplo, podem ajudar a expor o racismo estrutural, a discriminação de gênero, a exploração econômica e outras formas de opressão que são muitas vezes esquecidas ou minimizadas pela mídia convencional.

No Brasil, por exemplo, os povos indígenas foram excluídos do processo político, tendo seus direitos negados e sua voz silenciada. Somente em 1988, a Constituição reconheceu oficialmente a diversidade cultural do país e estabeleceu a obrigação do Estado em garantir os direitos desses povos, incluindo a demarcação de terras e o respeito à sua autonomia.

No entanto, esses direitos ainda são frequentemente violados, seja por conflitos com fazendeiros e empresas que desejam explorar as terras indígenas, seja pela falta de vontade política em implementar políticas públicas que garantam a proteção desses povos.

As reportagens selecionadas neste tópico apresentam inovação a partir do avanço no aumento do engajamento político dos povos indígenas. Muitos grupos indígenas têm lutado por seus direitos por meio de organizações políticas não governamentais e movimentos sociais.

Apesar desses avanços, muitos desafios ainda precisam ser enfrentados. Por exemplo, o acesso igualitário à educação e saúde continua a ser um problema em muitas comunidades indígenas, e muitas vezes esses grupos enfrentam discriminação e preconceito, mesmo quando estão inseridos em espaços públicos como universidades. Além disso, a violência contra os povos indígenas, muitas vezes cometida por empresas e governos continua a ser um problema sério.

Atualmente, a relação entre os povos indígenas e a política é dinâmica. Embora tenhamos algumas mudanças, sobretudo com a inserção feminina neste ambiente nos últimos anos, ainda há muito a ser feito para garantir que os direitos dos povos indígenas sejam respeitados e protegidos.

Em muitos lugares, os povos indígenas estão lutando por seus direitos políticos, psicológicos e culturais. Eles trabalharam para garantir o reconhecimento de seus direitos territoriais, a proteção de suas culturas e línguas e a inclusão em processos políticos mais amplos.

Como podemos perceber nas narrativas apresentadas nas reportagens, houve um aumento no número de representantes indígenas eleitos para cargos políticos em vários estados. Isso tem permitido que as vozes dos indígenas sejam ouvidas em fóruns políticos e legislativos, e tem contribuído para uma maior conscientização sobre as questões que essas comunidades enfrentam diariamente.

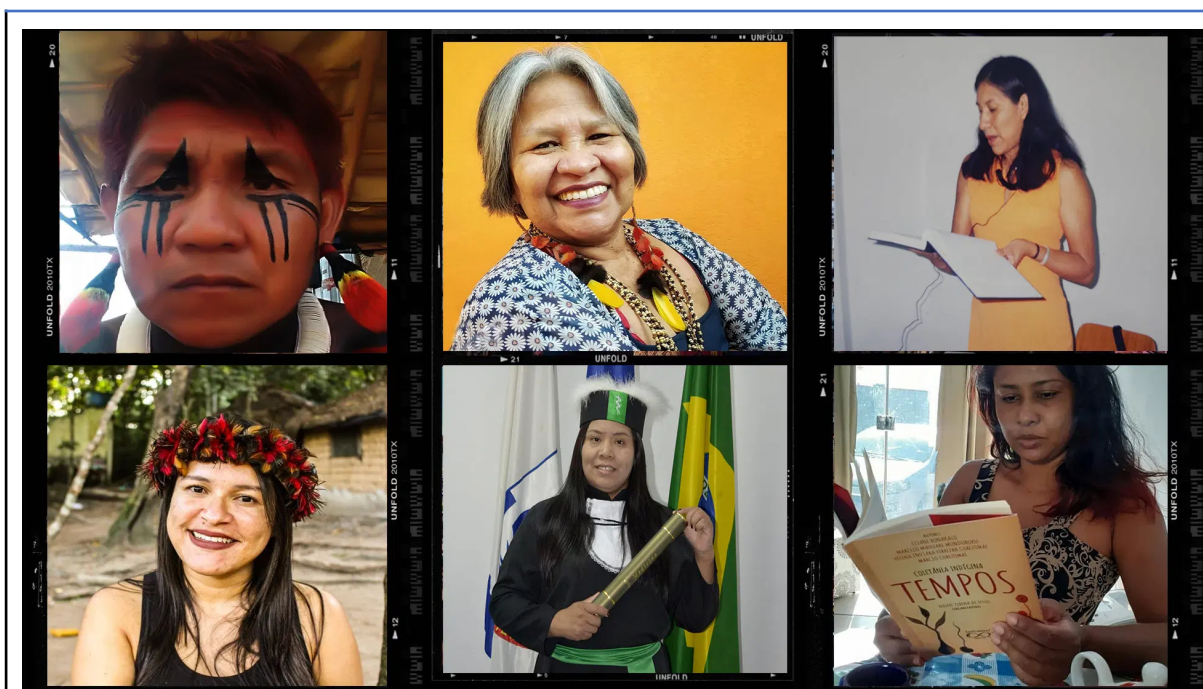
Atualmente, os povos indígenas estão mais preparados para lidar com esse tipo de situação. Eles estão ocupando vários lugares da sociedade, inclusive, o campo da política partidária. Apesar do espanto de muitas pessoas quando se

deparam com uma liderança indígena em um lugar que durante séculos lhe foi negado, com a permanência de um pensamento colonialista que ao questionar resistência população da indígena naquele espaço de poder, quer reiterar que o seu lugar é apenas lá na floresta.

No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito para garantir que os povos indígenas tenham acesso pleno e igualitário aos processos políticos. Isso inclui a garantia de seus direitos políticos, a inclusão em processos de tomada de decisão e demarcação de território.

Como elementos de inovação na narrativa, ressaltamos os recursos mais utilizados como o texto *longform*, recursos de áudio e recursos visuais. As reportagens apresentam narrativas integrais, plano de expressão por meio do discurso de cunho político, que também serve como pano de fundo para as narrativas. A narrativa é uma ferramenta valiosa para entendermos como as histórias moldam a compreensão do mundo ao nosso redor. Ao observarmos esses elementos em uma narrativa, podemos obter uma compreensão mais profunda do significado e importância da própria história.

4.1.4 FIG 09 Reportagens com conteúdos de resistência



Fonte: Amazônia Real, 2022

Este grupo contempla sete reportagens sobre o processo de resistência indígena que também envolvem vários desdobramentos principalmente por meio da resistência cultural e educacional. Nas reportagens selecionadas, podemos observar várias formas de superação - seja por meio da educação, da preservação da diversidade cultural, por meio da moda, da expressão da orientação sexual, da defesa do território e principalmente na busca pelo protagonismo de suas narrativas.

A primeira reportagem: “A criação de organizações indígenas têm muito a ver com a formação escolar”. Conta a história de Gersem Baniwa é um dos primeiros doutores indígenas do país e na entrevista fala sobre como a educação indígena deve ser valorizada no país.

A segunda reportagem: “Lideranças indígenas do Baixo Tapajós debatem proteção na Amazônia”. No Acampamento Santarém Território Indígena, defensores da Amazônia prestam homenagens a Dom Phillips e Bruno Pereira e fazem lembrar o drama de quem também vive sob constantes ameaças.

A terceira reportagem: “‘A minha vida é para frente também’, diz liderança Hupd’äh”. As lideranças indígenas Roberto Sanches, do povo Dâw, e Américo Socot, do povo Hupd’äh, ao lado do professor Renato Athias, estiveram em Manaus e falaram sobre o desejo de ter um curso de licenciatura indígena voltado para os seus povos.

A quarta reportagem: “‘Eu quero passar com meu cocar’”, defendem indígenas LGBTQIA+. Em abril, ocorreu a primeira plenária LGBTQIA+ nos 18 anos da história do Acampamento Terra Livre, quando indígenas defenderam o direito a assumirem seus corpos-territórios contra a violência, a transfobia e o racismo.

A quinta reportagem: “Marcas e estilistas independentes inovam o cenário da moda em Manaus”. Jovens moradores da periferia e pessoas indígenas estão ajudando a construir um novo cenário autoral na cidade, com criatividade e representatividade.

A sexta reportagem: “Indígenas LGBTQIA+ rompem o silêncio”. aborda o assunto ainda tabu, a diversidade sexual ganha espaço nas aldeias, apesar do preconceito, das violências e dos abusos sofridos.

E a sétima reportagem: “Com mais mestres e doutores, indígenas recontam suas próprias histórias”. Formados em nível de pós-graduação, os indígenas produzem pesquisas a partir de suas próprias questões, crenças e seus costumes.

Para Maldonado-Torres (2019), a resistência indígena refere-se às várias formas de luta adotadas pelos povos indígenas contra a opressão, a violência e a colonização imposta pelas sociedades dominantes ao longo da história. Desde a chegada dos colonizadores europeus no continente americano, os povos indígenas sofreram um processo de discriminação, genocídio, expropriação de suas terras e recursos naturais, entre outras formas de violência e violação de seus direitos.

Apesar disso, os povos indígenas sempre resistiram, utilizando diferentes estratégias de luta para preservar suas culturas, territórios e formas de vida. Essas estratégias incluem a organização em comunidades, a criação de alianças entre grupos diferentes, o uso da linguagem e de meios de comunicação alternativos, a participação em movimentos sociais, entre outras formas de resistência.

Nesse sentido, a formação escolar foi uma das fontes de apropriação e utilização como instrumento de luta por parte dos indígenas. Podemos compreender que essa luta se deu no contexto da afirmação cultural indígena utilizando os elementos da própria cultura opressora.

Se por um lado o sistema social cria uma lógica de diferenças sociais, por outro é pela imersão nesse próprio contexto que os indígenas podem firmar suas lutas. Isso fica evidenciado no discurso de Baniwa que narra sua história escolar no contexto da civilização branca. Ao ser escolarizado isso permitiu que ele interagisse com os valores da cultura não indígena e compreendesse os mecanismos sociais e culturais externos à sua própria cultura.

Compreendemos que tais lideranças indígenas constroem a sua atuação a partir do enfrentamento do sistema e da apropriação de seus próprios mecanismos, nesse caso a língua, a escolarização e a compreensão das leis do Estado. Desse modo, a resistência indígena é feita a partir do diálogo,

compreensão e utilização dos elementos da cultura indígena, é como se utilizassem o sistema contra o próprio sistema.

A cobertura e destaque internacional que foi dado a casos de defensores da Amazônia assassinados como o de Chico Mendes, Dorothy Stang, Bruno Pereira e Dom Philips, e de lideranças indígenas como Ari Uru-Eu-Wau-Wau e Paulino Guajajara, formam um conjunto de narrativas que incentivam a percepção da dicotomia entre os interesses do Estado, das comunidades tradicionais e seus defensores e a política econômica vigente.

No caso das madeireiras, setor agropecuário, que geralmente violam as leis fiscais e provocam violência nas zonas rurais. É em função da denúncia a esses desmandos que a mídia independente visa atuar, o que nos coloca diante da duvidosa imparcialidade dos meios de comunicação mais amplos.

Nesse caso, a resistência indígena tem como eixo fundamental a diversidade cultural. Todo um contexto mais amplo de reivindicações foi possível graças à atuação desses povos. A pressão política junto a comissões do senado veio justamente do local de fala dessas lideranças, como foi o caso da consolidação das cotas para indígenas nas universidades públicas. Isso permite que o campo de atuação das lutas seja na esfera da própria civilização e na possibilidade mais igualitária desses agentes sociais mediarem suas necessidades nas esferas de poder da sociedade do ponto de vista do poder público.

Neste grupo temático, ressaltamos a inovação na narrativa por meio da utilização do texto *longform*, de elementos expressivos, recursos de áudio e recursos visuais. O plano de expressão se dá a partir do discurso e o plano de fundo são as histórias de superação apresentadas como formas de resistência. As reportagens são integrais, além do enredo, a narrativa também envolve a histórias dos personagens, suas motivações e como eles se desenvolveram ao longo da reportagem. Ao examinar esses elementos, podemos obter informações sobre as intenções dos produtores e o contexto cultural e social mais amplo em que a narrativa se apresenta.

4.1.5 FIG 10 Reportagens com conteúdos sobre Covid-19 (saúde)



Fonte: Amazônia Real, 2022

Esse grupo traz em suas narrativas a invisibilização dos povos indígenas no período da pandemia de covid-19, a denúncia de falta de medicamentos, a luta por atendimento e o descaso com a população do indígena de Manaus que inviabilizou 400 mortes.

A primeira reportagem: “Indígenas Yanomami do Marauíá fazem protesto por melhorias na saúde”. Em um ato inédito, os indígenas denunciam falta de medicamentos, inclusive para vermes, e relatam mortes de crianças no período pandêmico.

A segunda reportagem: “Como o governo desconsiderou quase 400 indígenas mortos por Covid-19”. Nos dois anos de pandemia, o atendimento médico de indígenas pela Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena) só ocorreu para a população que vive em territórios demarcados, o que excluiu a maioria da população indígena de receber atendimento básico durante a pandemia.

E a terceira: “Como os indígenas de Manaus foram apagados na pandemia”. A Comunidade Gavião, na capital amazonense, traduz como as autoridades públicas de saúde, municipais, estaduais e federais não reconhecem os direitos de indígenas da zona urbana e de áreas ribeirinhas por não serem aldeados.

As três reportagens que aparecem em nosso recorte de pesquisa, abordando a temática sobre a Covid-19, refletem o cenário de pandemia vivido em 2020 e que até hoje afeta toda a população em geral e a indígena mais ainda. A situação foi agravada com o descaso do governo de Jair Bolsonaro com essa população que não considerou suas necessidades específicas.

Os povos indígenas foram gravemente afetados pela pandemia de COVID-19 e tiveram seus direitos humanos violados. Várias comunidades indígenas tiveram poucos recursos para combater a doença, além de enfrentar desafios adicionais, como a falta de acesso à água potável e a distância geográfica dos centros urbanos. Muitos indígenas já apresentavam problemas de saúde preexistentes, o que os deixam mais suscetíveis à doença.

No Brasil, mesmo com as vacinas disponibilizadas, atualmente, em larga escala para todas as pessoas, a COVID-19 ainda tem causado grande impacto nas comunidades indígenas. Segundo dados da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), até o dia 14 de abril de 2023, foram registrados mais de 106 mil casos confirmados de COVID-19 e 1.986 mortes em comunidades indígenas no país.

Para tentar combater a disseminação da doença nas comunidades indígenas, eles têm realizado diversas iniciativas, como a distribuição de kits de higiene e equipamentos de proteção individual, a capacitação de agentes de saúde indígenas, a criação de barreiras sanitárias nas entradas das aldeias, entre outras medidas. (APIB, 2023)

No entanto, muito ainda precisa ser feito para proteger os povos indígenas e garantir que eles tenham acesso a tratamento médico adequado e cuidados de saúde durante a pandemia. A visão materialista da sociedade, pode ser compreendida como o fundamento para o descaso das políticas

públicas, radicalizadas no período da pandemia que evidenciou uma postura de descaso que é antiga para com essa população.

A inovação na narrativa presente neste grupo, também se destaca primeiramente pela utilização dos elementos: texto *longform* e recursos visuais. As narrativas são integrais e usam como pano de fundo o cenário da pandemia de Covid-19. Outro aspecto importante da análise narrativa é a linguagem e o estilo usados na história, incluindo uso de recursos literários, como metáforas e simbolismos, bem como o tom e o clima desenvolvido na narrativa.

4.1.6 FIG 11 Reportagens com conteúdos de violência



Fonte: Amazônia Real, 2022.

Este grupo apresenta as narrativas de violências físicas e simbólicas praticadas principalmente por garimpeiros contra os povos indígenas. Entre as formas de violência enfrentadas pelos indígenas e que foram apresentadas nas reportagens estão a violência física, psicológica e sexual, o assassinato de lideranças, a expulsão de suas terras, a destruição de seus modos de vida e a negação de seus direitos básicos. Além disso, a falta de reconhecimento de

seus direitos e de políticas públicas efetivas para sua proteção também contribui para a reincidência dessas violências.

A primeira reportagem “Sem proteção da Funai, invasores cercam indígenas isolados na região mais desmatada da Amazônia”. Dados sobre desmatamento revelam a derrubada de mais de 3,3 milhões de árvores dentro da TI de povos em isolamento; portaria que impedia exploração da área venceu em dezembro de 2021. Organizações alertam para riscos efetivos de genocídio.

A segunda reportagem: “Como a mineração na Ditadura Militar converteu TI Igarapé Preto em pesadelo distópico”. Abertura da Transamazônica levou à Terra Indígena Tenharim do Igarapé Preto a mineração de cassiterita, explorada durante duas décadas pelo grupo Paranapanema. Uma ação na Justiça Federal cobra indenização da mineradora ao povo pela destruição do território.

A terceira reportagem “Do garimpo aos peixes: o caminho do mercúrio até contaminar os Munduruku”. Peixes carnívoros estão entre os mais consumidos pelos Munduruku e os mais contaminados pelo mercúrio. O metal tóxico encontrado no organismo dos indígenas é suspeito de afetar gravemente a saúde de adultos e crianças, que têm nascido com malformações e atrasos no desenvolvimento. Mulheres Munduruku já evitam engravidar.

A quarta: “Mineradora é acusada de coagir indígenas para explorar potássio na Amazônia”. Ministério Público Federal investiga a canadense Potássio do Brasil por pressionar para a venda de terras e manipular consulta aos indígenas

A quinta reportagem: “Menina Yanomami de 12 anos é assassinada depois de ser estuprada por garimpeiros”. Líder indígena teme revolta de indígenas e massacre de comunidade que tem cerca de 30 Yanomami vivendo juntos

A sexta reportagem: “Garimpeiros invadem aldeia no Vale do Javari e obrigam indígenas a tomarem cachaça e gasolina”. Na aldeia Jarinal vivem indígenas do povo Kanamari e um grupo de recente contato; é a segunda invasão de uma aldeia indígena por garimpeiros na semana

E a sétima reportagem: “Povo Kayapó luta para expulsar garimpo”. Reativação da mineração ilegal dentro da TI Baú, apoiada inclusive por grupos indígenas pró-garimpo, tem elevado a tensão no Pará; grupo de guerreiros Kayapó flagrou e deteve 9 garimpeiros não-indígenas.

A violência contra os povos indígenas têm sido a principal pauta das suas narrativas ao longo da história, De acordo com Mignolo (2017) desde a chegada dos colonizadores europeus às Américas até os dias atuais. Esse processo civilizatório mantém íntima relação com a própria produção do conhecimento. Coube ao colonizador produzir a narrativa que, tendo sua visão de mundo consubstanciada como saber científico, deslegitima o saber dos povos originários.

O discurso etnocêntrico e civilizatório marca um longo período de produção de discurso que se faz sentir até os dias de hoje constituindo uma forma evidente de violência simbólica que reforça outros tipos de violência. Essa hegemonia política da civilização criou um longo processo de deterioração cultural que passa pela sustentação de estereótipos e que foi sendo cada vez mais aparelhada pelo Estado em forma legais que pressionam, por exemplo, as áreas demarcadas de preservação.

Privilegiando setores específicos da sociedade capitalista, no caso grandes latifundiários, produtores de gado e empresas exploradoras de minérios, pudemos perceber a violência ambiental que resultou em diversos focos de queimadas na Amazônia e a invasão de terras indígenas por grileiros.

A situação das comunidades tradicionais indígenas, baseadas em parâmetros de convivência social e relação com a natureza distintos dos interesses políticos da civilização, foi sendo cada vez mais ameaçada em uma luta política desleal sediada pelo poder econômico de grandes empresas que mantém influência no poder legislativo. O afrouxamento das leis de proteção ambiental foi um aspecto resultante dessa influência.

Nesse sentido, torna-se de extrema importância a compreensão do discurso decolonial como uma ferramenta de enfrentamento por meio do jornalismo independente. As reportagens desses veículos visam o esclarecimento de pautas que nem sempre são contempladas pelas grandes

mídias, que pertencendo a grandes capitais mantém relações de afinidade ideológica com as instâncias do governo que negligenciam a causa indígena. Essas relações entre a mídia e o poder ficam evidentes quando uma empresa jornalística opta por uma pauta em detrimento de outras.

Essas violências são cometidas pelo próprio Estado, quando se omite em prover condições básicas a essa população, as empresas que buscam explorar os recursos naturais presentes em terras indígenas e com isso cometem as maiores atrocidades contra eles, pois acreditam que os indígenas são um obstáculo para o desenvolvimento econômico e pela própria sociedade que perpetua estereótipos e preconceitos e tentam apagar as suas vivências.

Pensamos que sem a atuação dos veículos independentes tais acontecimentos poderiam ter pouco ou nenhum destaque na mídia mais ampla. Isso evidencia que o conteúdo produzido pela sociedade geralmente não está isento de fatores ideológicos que podem interferir na comunicação. Portanto, um veículo independente teria uma maior possibilidade de visibilizar causas sociais que com a interferência de tais fatores ficariam relegadas ao esquecimento.

O poder que o jornalismo tem em confrontar a sociedade e colocar em destaques situações conflituosas seria uma forma de produzir discursos reflexivos que muitas vezes contraria os interesses hegemônicos do capital, seja ele nacional ou estrangeiro. A natureza, a cultura e até mesmo a vida de um povo podem ser ameaçadas pelo poder vigente baseado no interesse de uma elite econômica minoritária que detém a burocracia estatal.

Cabe, portanto, aos veículos independentes atuarem como ferramentas da circulação do saber, expondo tais situações e desse modo preenchendo uma lacuna imposta pelos ditames dos fatores econômicos da sociedade. É importante destacar que a luta pelos direitos dos povos indígenas é uma luta pela justiça social e pelos direitos humanos, e que é fundamental que sejam tomadas medidas efetivas para garantir sua proteção e respeito a seus direitos.

A inovação narrativa se dá por meio da utilização dos elementos texto *longform*, elementos expressivos, recursos de áudio e recursos visuais. O plano de expressão se estabelece por meio da linguagem e o plano de fundo é a

violência. As narrativas são integrais. Olhar para a narrativa nos ajuda a entender como ela é construída e como a presença de elementos individuais trabalham em conjunto para criar uma história coerente e significativa e inovadora.

4.2. Discussão dos resultados a partir da análise dos veículos independentes: a dimensão social como inovação no jornalismo

Os grupos com as principais temáticas presentes nas narrativas sobre os povos indígenas foram apresentados nos tópicos anteriores para comporem essa fase de análise e interpretação do material selecionado. Elas apresentam muitas fotos, por isso, selecionamos apenas uma que julgamos representar todas as reportagens de cada grupo.

Em uma perspectiva colonial, aos povos indígenas sempre foi negado o direito ao discurso de suas próprias histórias e vivências, eles foram/são colocados à margem em muitos séculos de invisibilização. Manuel Dutra (2021) classifica os povos da floresta como “grupos que ocupam espaços considerados distantes da cultura urbana, territórios radicalmente distintos em relação ao universo da cultura civilizada” (2021, p.n).

Essa distância entre os universos sociais dos povos reflete em diversos campos da cultura, na arte, na política e na comunicação. Essa distância não é somente territorial, pois mesmo quando esses povos estão habitando em contextos urbanos, o alijamento permanece. A forma como os povos indígenas são apresentados na mídia reflete o cenário de exclusão descrito, ela vem carregada de uma perpetuação de estereótipos e da falta de protagonismo. Sobre como os povos da floresta são apresentados na mídia, Dutra afirma:

No corpus televisivo investigado, o emprego da terminologia “povos da floresta” traz, na verdade, uma desfocagem dos grupos que aí são midiáticos. Os textos televisivos não os definem explicitamente. Apesar da diversidade de seus modos de vida, contato com a natureza e com o urbano, o discurso da mídia busca construir a homogeneização de grupos diferenciados. Nesse tipo de discurso, todos esses “povos” são mostrados como distintos daqueles outros

que não são “da floresta”, portanto urbanos, civilizados, com modos de vida modernos. (DUTRA, 2021, 27 de nov. blog pessoal).

É preciso romper com esse padrão midiático limitante que não valoriza a história desse grupo, que recorrentemente tem sua narrativa apresentada na mídia de maneira estigmatizada e que não leva em consideração suas experiências coletivas e individuais.

A narrativa apresentada no jornalismo proposto pelos veículos independentes rompe com essa forma estigmatizada de apresentar os povos indígenas. O que nos revela um caráter inovador por meio de suas narrativas. Essa combinação entre textos longos, recursos expressivos e imagens elaboradas completa o sentido da inserção do sujeito entrevistado em sua relação com a sociedade e que tem como plano de fundo o aspecto social. O que estamos destacando reforça o que Longhi (2020) já havia mencionado sobre o papel da fotografia e da imagem técnica inserida nesse contexto de complexidade narrativa como forma de inovação. Como podemos conferir:

Diferente do que possa parecer, falar de uma complexidade – das imagens, da narrativa – não significa “complicar” ou buscar uma visão complicada das mesmas. Pelo contrário. Entendemos que se trata de uma forma de refletir sobre elas para entendê-las num contexto em que as contradições (aberto/fechado, completo/incompleto, estático/móvel, ordem/desordem) são um fermento para a inovação e as transformações que ora se operam (LONGHI, 2020, p.41).

Acreditamos que a forma como a temática indígena foi abordada nas reportagens revelam um caráter inovador proposto pelas agências tanto no processo, no qual os meios de comunicação são considerados os emissores; como na circulação, vista como esse lugar de disputa discursiva, na maneira como a sociedade pauta as questões e enfrenta a mídia considerada hegemônica; e na recepção ou reconhecimento desses conteúdos e como eles influenciam a sociedade com seus resultados e processos midiáticos.

A partir da análise dos portais independentes, Infoamazonia, Agência Pública, com o especial Amazônia Resiste e o Amazônia Real, compreendemos que a inovação no jornalismo, especificamente voltado para a Amazônia, apresenta-se

como uma forma de narrativa de caráter social que visa o protagonismo e a resistência simbólica da população indígena. As narrativas jornalísticas comprometidas com a dimensão social contribuem para que os veículos jornalísticos se mantenham no mercado de forma independente e assim possam atrair a atenção do público para esta população invisibilizada.

Uma das maneiras de entendermos a inovação no jornalismo pode ser por meio de uma narrativa considerada inovadora. As narrativas jornalísticas inovadoras buscam aprimorar os elementos presentes nas narrativas formais, como os recursos verbais, sonoros e visuais. Esse tipo de narrativa geralmente aparece em especiais ou em reportagens jornalísticas inovadoras que estejam preocupadas com as causas sociais.

Nesse sentido, os veículos criam espaços virtuais de comunicação e resistência. Como afirma Elaide Martins (2021), as narrativas são utilizadas como instrumento de resistência por veículos independentes, o que a pesquisadora chama de narrativas jornalísticas ativistas. Ela destaca que a inovação é um aspecto principal para que os veículos jornalísticos possam expandir o fluxo de suas produções e tornar as narrativas mais sofisticadas e atrativas para o público e assim promover a participação ativa.

O impacto social refere-se às consequências que as ações e decisões têm na vida de uma pessoa ou de uma organização na sociedade e nas comunidades em que operam. Pode ser tanto positivo como negativo, e se mede em função das mudanças e das que produzem na vida das pessoas e no ambiente em que vivem.

Para Pedro Varoni (2017) inovar no jornalismo é causar impacto social principalmente por meio da participação do público consumidor. Diante desse contexto, a interatividade surge como característica constitutiva do digital e faz com que a transferência de controle mude do emissor para o receptor. Na rede, os usuários fazem uso das informações de acordo com seus interesses e precisam se sentir parte da produção de conteúdo. O mundo digital é criativo, inovador e dinâmico e todos potencialmente são produtores de conteúdo. O resultado é a perda do tradicional papel mediador do jornalismo diante da emergência de novos modelos e formatos.

Para o autor, os modelos de negócio para o jornalismo digital impactam tanto as grandes corporações de mídia quanto indicam possíveis caminhos individuais ou coletivos para os profissionais do jornalismo. Os novos modelos de negócio no digital demandam, entre outras coisas, gestão estratégica de projetos, definição de processos e recursos redacionais articulados com os formatos narrativos, absorção e aplicação de tecnologias e relacionamento mais próximo com a audiência.

Podemos dizer que a inovação no jornalismo também faz parte do processo de midiatização, porque ambas acabam resultando na necessidade de se reformular e se adequar a uma mudança contextual da sociedade. Os conteúdos produzidos pelos veículos independentes são um reflexo desse cenário, pois, na midiatização, o conteúdo e a forma de narrativa mudam desde o seu processo de produção até a recepção pelo público. Apesar de não haver uma mudança na mídia em si, a produção, a circulação e o reconhecimento desses conteúdos pelas pessoas envolvidas nesse processo passam por transformações e adaptações.

Acreditamos que a análise dos aspectos de inovação utilizados pelos veículos independentes, aliada aos conhecimentos adquiridos no programa, nos apresentou parâmetros para a análise de reportagens consideradas inovadoras sobre os povos indígenas, e também poderão auxiliar as empresas jornalísticas e os profissionais que pretendem usar a inovação em suas produções.

Entendemos que todo esse processo inovador, pelo qual o jornalismo vem passando, pode servir de parâmetro para estabelecer mudanças nas formas de fazer jornalismo na Amazônia. Nessa perspectiva, acreditamos que o InfoAmazonia, Agência Pública e o Amazônia Real vêm incorporando em suas reportagens novos formatos, novas maneiras de produzir conteúdos jornalísticos pautados nas demandas sociais da sociedade e no direcionamento de seus conteúdos para nichos específicos, sempre destacando o protagonismo para povos invisibilizados.

A partir da análise do conteúdo e das narrativas, podemos observar que cada veículo tem suas particularidades e peculiaridades no momento de propagar suas narrativas sobre a região. O Infoamazonia aborda mais os conteúdos relativos ao desmatamento e às crises climáticas decorrentes dele, o protagonismo e processos políticos envolvendo os povos indígenas. Já o Amazônia Resiste, da Agência Pública, traz em seus conteúdos temáticas relativas aos processos políticos, o

desmatamento e a narrativas de protagonismos indígenas e o Amazônia Real, acreditamos que por está inserido na região, é o veículo que aborda com mais intensidade as políticas públicas, as questões culturais, sociais, educacionais e o protagonismo feminino indígena.

Os três veículos propõem em suas narrativas a desconstrução de discursos midiáticos criados sob uma lente de pensamento de matriz colonial, quando criam pautas que dão visibilidade e protagonismos a questões e narrativas de caráter social relacionadas aos povos indígenas, sobretudo, no que se refere ao desenvolvimento de espaços de discussão em um ambiente digital público para fomentar discussões que vão além das propostas em meios de comunicação considerados hegemônicos.

A inovação no jornalismo é essencial para manter o setor atualizado em um mundo cada vez mais conectado e digitalizado. Com a incorporação de novas tecnologias e plataformas, os jornalistas precisam se adaptar e encontrar maneiras criativas de contar histórias e fornecer informações aos leitores. Algumas formas de inovação no jornalismo incluem: uso de tecnologia, inteligência artificial, big data e realidade virtual que podem ser usados para criar experiências mais imersivas e interativas para os leitores; o jornalismo móvel, as mídias sociais, jornalismo de dados, novos formatos de conteúdo.

As reportagens apresentam *hiperlinks*, em sua maioria com conteúdos que direcionam para outras matérias que já foram divulgadas na plataforma que abordam conteúdos semelhantes. A integração das redes sociais no processo de produção de notícias e disseminação de informações, permitindo o envolvimento direto com o público e a criação de comunidades online

Observamos em todas as reportagens o uso de recursos de interatividade que facilitam a circulação de conteúdos para outras plataformas digitais, como *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*, além da presença de *TAGs* e espaço destinado para comentários diretamente na página, mas que são mediados pelas Agências, no intuito de coibir comentários de conteúdo preconceituosos, falsos, racistas, sexistas, homofóbicos, com discurso de ódio ou que direcionam para links de outros sites. Os quais também identificamos como elementos que propiciam a inovação.

No entanto, para além das todas as tecnologias disponíveis que facilitam a inovação no jornalismo, ressaltamos que essas são apenas algumas das muitas maneiras pelas quais a inovação no jornalismo pode ser implementada. Existem novas formas que permitem que os jornalistas se conectem com seus leitores e a escolha narrativa perpassa por elas.

Exemplos como os das reportagens apresentadas nos revelam que as mídias independentes dão notoriedade a sujeitos sociais que fizeram de sua história uma ferramenta da luta e expõe as contradições de um sistema baseado na desigualdade. Consideramos que este nível de informação mais amplo é possibilitado justamente pelo caráter independente que tais plataformas assumem em seu trabalho de comunicação.

É interessante notar que a presença de agentes sociais indígenas em instituições do Estado é um marco de conquista e possibilidade de maior valorização das pautas que antes eram invisibilizadas pela própria lógica do discurso de Estado. A resistência apresentada nas reportagens evidencia, portanto, os próprios indígenas como produtores do próprio discurso social.

Os achados da pesquisa revelam que quando falamos de inovação no jornalismo, estamos falando de um caráter social, que associamos ao principal fator de inovação dos veículos independentes. Nesse sentido, a inovação no jornalismo é muito mais do que o uso de tecnologia ou de estratégias lucrativas, porque é impossível se pensar um jornalismo que não esteja ligado às questões sociais – pelo menos em tese deveria ser assim.

Esta análise já nos aponta lacunas que auxiliam na compreensão da necessidade de abordar mais profundamente a dimensão social da inovação em todos os veículos de comunicação, não somente nos independentes. E assim buscar entender suas nuances e formas de fazer o jornalismo promover impacto positivo em nossa sociedade e em novas perspectivas sobre eventos e questões atuais a partir da narrativa de caráter social como forma de resistência simbólica, sobretudo nas questões que envolvem os povos indígenas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como principal objetivo analisar e compreender as manifestações da inovação no jornalismo a partir de um olhar para as produções dos seguintes veículos jornalísticos: InfoAmazonia, Agência Pública e Amazônia Real que tem a Amazônia como foco, especificamente, escolhemos as reportagens que tratam em suas narrativas sobre os povos indígenas.

O cenário contemporâneo no qual a comunicação se estabelece aponta que para entendermos a presença da inovação no jornalismo é preciso um olhar direcionado para o jornalismo que é pesquisado no ambiente acadêmico e para o contexto mercadológico onde se desenvolve a prática jornalística inovadora. Neste sentido, esse trabalho se desdobra em duas etapas.

Na primeira, destacamos que a preocupação dos autores está voltada em definir o conceito e também em entender a sua aplicação a partir da participação ativa dos usuários, da capacidade de imersão nos conteúdos, da utilização de dados, do gerenciamento de situações de crises, da reformulação do profissional tanto no que diz respeito à técnica quanto aos conceitos que atravessam o Jornalismo. Esses foram os principais aspectos elencados pelos autores dos artigos pesquisados e considerados essenciais para a execução desses aspectos presentes no jornalismo e para definição deste fenômeno.

A segunda etapa da pesquisa é a fase da empiria. Aqui destacamos nossas contribuições sociais, no sentido de mostrar como o conhecimento adquirido pode colaborar com o desenvolvimento da sociedade. Acreditamos que conseguimos exemplificar de modo mais preciso ao explorar nosso corpus de pesquisa, formado por 38 reportagens que trazem em suas temáticas as narrativas sobre os povos indígenas e a dimensão social que está presente na inovação no jornalismo praticado por veículos independentes.

Acreditamos que com o desenvolvimento do primeiro objetivo específico - *realizar um estado da arte do conceito de inovação no jornalismo no Brasil, a fim de estabelecer um panorama dessa produção e compreender os eixos do referido conceito* - foi cumprido o que nos propusemos a pesquisar. Esse objetivo se desdobrou no segundo capítulo que comportou o referencial teórico e o estado da arte do conceito de inovação no jornalismo.

Apresentamos formas de mapear e reconhecer os diferentes tipos de categorias de inovação. Aqui destacamos a nossa contribuição na pesquisa acadêmica sobre a inovação no jornalismo. O avanço teórico de nossa pesquisa pode ser comprovado com base nas análises dos 38 artigos selecionados durante o estado da arte da pesquisa. Buscamos com o estado da arte conhecer o que de mais atualizado temos nas pesquisas sobre inovação no jornalismo.

Observamos que os artigos, em sua maioria, não usam o termo inovação no jornalismo como um conceito único em seus títulos, mas sim como termos isolados inovação e jornalismo. No entanto, apontamos alguns autores que se destacam na tentativa de estabelecer o conceito em si em seus trabalhos: Franciscato (2010), Longhi (2017), Elaide Martins (2018, 2021), Martins e Sousa (2020) e Storch e Feil (2021).

A nossa maior surpresa foi encontrar ao longo da pesquisa os eixos de inovação que ainda não haviam sido mencionados em pesquisas anteriores sobre a temática. Nesse sentido, percebemos que conseguimos contribuir nas discussões sobre a inovação no jornalismo principalmente quando direcionamos nosso olhar para os seguintes eixos observados: uso adequado das redes sociais, (ensino) sobretudo na elaboração de um conteúdo que respeite as especificidades de cada plataforma; acesso a dispositivos móveis conectados à internet, (tecnologias digitais) que são usados tanto pelo jornalista como pelo consumidor da notícia; situações contextuais, (empreendedorismo) tendo em vista que fazer um produto inovador ou propor uma modificação na organização de uma empresa jornalística requer planejamento, organização; interação do usuário com o conteúdo, já que a maioria das (estratégias) inovadoras buscam alcançar uma maior interação com ele; estruturas que possibilitem o uso da tecnologia como ambiência para inovar; mudança nas narrativas jornalísticas; capacitação tecnológica e conceitual do jornalista e (conceito) estratégias de gerenciamento de contextos de crise.

Já o segundo objetivo específico - *identificar, com base na produção científica enfocada por meio do estado da arte, os eixos de inovação que se manifestam nas reportagens a serem analisadas* - serviu de fundamento para o terceiro capítulo que correspondeu também à explanação dos caminhos metodológicos. Aqui destacamos como contribuições práticas o mapeamento dos trabalhos sobre inovação no jornalismo. A partir dos eixos de inovação no jornalismo (conceito, tecnologias

digitais, estratégia, empreendedorismo, ensino e narrativa), encontrados com o estado da arte e depois com seus desdobramentos em categorias de análise (categoria de inovação estratégica, categoria de tecnologias digitais e categoria de inovação na narrativa), ressaltamos a importância da categoria da inovação na narrativa em nossas análises. E destacamos a importância da dimensão social da inovação.

E o terceiro objetivo específico - *relacionar os eixos de inovação percebidos nas reportagens analisadas com a proposição de possíveis categorias de análise para se compreender a inovação no jornalismo* - resultou no quarto capítulo destinado à análise propriamente dita. A forma como o corpus empírico foi organizado permitiu que comparássemos as reportagens/narrativas produzidas pelos veículos independentes. A união entre esses resultados obtidos com a análise dos grupos temáticos (protagonismo feminino indígena, invasão de terras indígenas, política, resistência, covid-19 (saúde) e violência) nos possibilitou uma perspectiva ainda mais específica à inovação no jornalismo por meio da categoria análise na narrativa.

Mesmo a inovação no jornalismo ser considerada um conceito dinâmico e com potencial para desenvolvimento, a sua aplicação no jornalismo depende de vários fatores. Eles podem contribuir para que o desenvolvimento da inovação não seja visto apenas em situações contextuais ou para contornar contextos de crises. Também ampliamos a nossa pesquisa ao focarmos na dimensão social presente nos processos de inovação, a fim de tentar entender as especificidades/diferenciais das produções feitas por veículos independentes que têm como destaque a Amazônia.

Com base em tudo isso que foi exposto, entendemos que o objetivo geral da pesquisa foi cumprido, no sentido que analisou e compreendeu as diferentes manifestações da inovação no jornalismo, principalmente nos processos narrativos. Relacionamos os objetivos específicos com os métodos de pesquisa e posteriormente eles se desdobraram nos capítulos do trabalho. A conclusão a que chegamos foi de que o caráter social e o protagonismo são aspectos essenciais à elaboração da inovação no jornalismo pelos veículos independentes que pautam a Amazônia.

Portanto, a perspectiva desse trabalho tem a finalidade de contribuir com a produção científica no campo da comunicação abrindo novos horizontes e possibilidades de pesquisa na área. Sua pertinência também pode ser evidenciada na elaboração de possíveis caminhos para quem deseja usar a inovação no jornalismo em pesquisas futuras, produções, pautas com assuntos que envolvem a Amazônia e, de forma mais específica, às temáticas que abordam os povos indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA PÚBLICA. Amazônia Resiste. <https://apublica.org/especial/amazonia-resiste/>, 2018.
- ALEXANDRE, Tássia Becker; AQUINO, Maria Clara. Pesquisa Aplicada como Inovação Metodológica no jornalismo: dimensões teórica, empírica e experimental. **Revista Observatório**, v. 7, n. 3, p. a10pt-a10pt, 2021.
- AMAZÔNIA REAL. <https://amazoniareal.com.br/> .2022
- ARAÚJO, Lucas. Inovação no Jornalismo: um estudo de caso do crowdfunding. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 13, n. 1 jan/ jul de 2016, ISSN 1984-6924.
- BARBOSA, Suzana. Agentes de inovação, renovação e de reconfiguração para o jornalismo em tempos de convergência. **Revista de Cibercomunicación**, Santiago de Compostela, v. 1, n. 1, p.18, 2014.
- BARBOSA, Suzana. Affordances indutoras de inovação no jornalismo móvel de revistas para tablets. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 42, p. 71-95, mai/ago. 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70. São Paulo, 2011.
- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo. Ed. Martins Fontes. 2001.
- BELMONTE, Valéria; LIMA, Verônica Maria Alves Lima (Org) **Decolonialidade, comunicação e cultura**. Macapá: EDUNIFAP, (2021) (no prelo).
- BERTOCCHI, Daniela. Startups de jornalismo: desafios e possibilidades de inovação. **Contemporânea: comunicação e cultura**, v.15, n.01, jan/abr 2017 – 101-117 | ISSN: 18099386.
- BESSANT, Jonh; TIDD, Joe. **Inovação e empreendedorismo**. Trad. Francisco Costa, 3ª ed. Bookman, Porto Alegre, 2019.
- BITTENCOURT, Maria Clara. Jornalismo, inovação e empreendedorismo: questões sobre modelos de negócios em contexto de crise. **Líbero: Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero** ISSN 2525-3166 ANO XXI, n. 41, jan/jun. 2018.
- BONIXE, Luís. Jornalismo radiofônico e inovação. **Media and Jornalismo**, v. 20, n. 36, p. 153-169, 2020.
- BRASIL, Antônio; Costa, Luciano. Realidade virtual: inovação técnica e narrativa no jornalismo imersivo. **Contemporânea: comunicação e cultura**, v.15, n.01, jan/abr 2017 – 101-117 | ISSN:18099386.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 fev. 2022.
- BURCHARD, Larissa; BURCHARD, Larissa Pereira; FEITOSA, Sara Alves. Podcast Jornalístico Café Da Manhã: Uma Investigação Sobre Modos De Inovar No Fazer Jornalismo. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 12, n. 2, 2020.

CAJAZEIRA, Paulo; MALKOWSKI, Thiago. A Inovação e o Telejornalismo Laboratorial das Universidades Federais da Região Nordeste do Brasil. *In* INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais**, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba - PR – 2017, p. 04 a 12.

CAMARGO, Isadora; EGGLE, Spinelli. *In*: INTERCOM– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais**, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42, 2015, Curitiba - PR – 2015 p. 169-188.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. *In*: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: UBI, Livros LabCom, 2014.

CANAVILHAS, João et. Al., Era pós-PC: a nova tessitura da narrativa jornalística na web. *In* PEIXINHO, Ana Teresa; ARAÚJO, Bruno. **Narrativa e Media: gêneros, figuras e contextos**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Ana Carolina. Jornalismo e inovação digital: The New York Times e The First Look. **Leituras do Jornalismo**. Ano 01, n. 02 jul/dez de 2014.

CORREA, Elizabeth Saad; GIACOMASSI, Fernanda. Inovações no Jornalismo para além das Tecnologias Digitais. **Líbero**, n. 41, p. 57-73, 2018.

DA FONTOURA, Marcelo Crispim. Desafios do jornalismo: uma análise acadêmica do relatório de inovação do The New York Times. **Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política**, v. 16, n. 31, 2015.

DA ROCHA, Henrique César Coutinho; DE CARVALHO, Juliano Maurício; MIRANDA, Giovani Vieira. **Jornalismo Hiperlocal: inovação e cultura digital**. 2015.

DE CARVALHO, Guilherme Gonçalves et al. A condição contextual como fundamento da inovação no jornalismo. **Cadernos da Escola de Comunicação**, v. 17, n. 1, p. 54-71, 2020.

DE MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder: Da concentração monopólica à democratização da comunicação**. Boitempo Editorial, São Paulo. 2015.

DUARTE, Jorge; Barros, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

DUTRA, Manuel. **Quem são os povos da Floresta**. Blog Manuel Dutra Jornalismo Ciência Ambiente. Belém, 2021, 27 de novembro. <https://blogmanueldutra.blogspot.com>

DUARTE, Glenda. **Inovação no jornalismo em estado da arte: mapeamento, eixos e conceitos**. Orientadora: Elaide MARTINS. 2021. Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de curso. Curso de Comunicação Social/Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Pará. Belém, 2021.

Emergência Indígena: https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados_covid19/ acesso em 14 de abril de 2023.

ESSENFELDER, Renato. Inovação narrativa na grande reportagem de Internet. *Contemporânea: comunicação e cultura*, v.15, n.01, jan/abr 2017 – 101-117 | ISSN: 18099386.

ESTEVEES, Sofia. O que é inovação. **Revista Exame**. Acesso em: 30 de outubro de 2018.

FERRAZ, Karen. Estudo: uso de dispositivos móveis salta 6% no Brasil. 14 de outubro de 2021 <<https://itforum.com.br/noticias/estudo-uso-de-dispositivos-moveis-salta-6-no-brasil/>> disponível, acesso em 10 de agosto de 2022.

FERREIRA, Norma. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 79, agosto/2002.

FIORINI, Bruno. Inovação no Jornalismo: análise da representação da incivilidade no Stories do @Estadão no Instagram. *In Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais*. PPGCC-Unisinos, v 3, 2019, São Leopoldo, RS, **Anais**, 2019 p.1-8.

FLORES, Ana Marta. Inovação no jornalismo: uma proposta estratégica a partir dos Estudos de Tendências. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS v. 17, n. 35 (121-134) set/dez 2016.

FONSECA, Adalton dos Anjos. A inovação no jornalismo em revistas para tablets: uma análise a partir das affordances e da convergência de conteúdos jornalísticos. 2015. **Dissertação** (mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Uma proposta de incorporação dos estudos sobre inovação nas pesquisas em jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.7, n.1, p.8-18, 2010.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Inovações tecnológicas e transformações no jornalismo com as redes digitais. 2014. **Revista GEINTEC** – ISSN: 2237-0722. São Cristóvão/SE – 2014, v.4, n.4 p.1329-1339 1329 D.O.I.: 10.7198/S2237-0722201400040005

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A tecnologia móvel como plataforma de inovação no jornalismo. **Libero**: Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero ISSN 2525-3166 ANO XXI - No 41 JAN. / JUN. 2018.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A inovação metodológica como problema na pesquisa em jornalismo digital. **Contemporânea: comunicação e cultura**, v.15, n.01, jan/abr 2017 – 101-117 |ISSN: 18099386.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo e SILVA, Gilson. Fatores sociais nos estudos de inovação em organizações jornalísticas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vl. 17, n. 1, jan/ jun de 2020 ISSN: 1984-6924.

FRANCISCO, Kárita O jornalismo e as redes sociais: participação, inovação ou repetição de modelos tradicionais? **PRISMA.COM** n.º 12 2010 – Especial Ciberjornalismo 2010 ISSN: 1646 – 3153.

GOSCH, Raisia; SILVEIRA, Stefanie. Jornalismo e inovação: usos e conceitos na academia brasileira. *In*: SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo IX Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR) Universidade Federal de Goiás (UFG), 2019 – Goiânia (GO), **Anais**, 2019. p. 1-19.

GROHMANN, Rafael. Inovação como fórmula discursiva convocatória para as práticas jornalísticas: sentidos mobilizados por textos do observatório da imprensa. **Contemporânea: comunicação e cultura**, v.15, n.01, jan/abr 2017 – 101-117 | ISSN: 18099386.

INFOAMAZONIA. <https://infoamazonia.org/>, 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2a ed. São Paulo: Aleph, 2008.

LOBATO, Ronie. A Agenda da Inovação no jornalismo para o fomento industrial e o desenvolvimento da economia *In* **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, 2015, Rio de Janeiro, Anais, 2015 p. 1-15.

LONGHI, Raquel; FLORES, Ana. Narrativas webjornalísticas como elemento de inovação: casos de Al Jazeera, Folha de S. Paulo, The Guardian, The New York Times e The Washington Post. *Intercom*, **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 21-40, jan/abr. 2017.

LONGHI, Raquel; LENZI, Alexandre. Práticas ciberjornalísticas em Realidade Virtual: inovação e impacto nos processos de produção. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 24, n.3, set/dez, 2017. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

LONGHI, Raquel. Narrativas Complexas no Ciberjornalismo. *Interface, Imagem, Imersão* *In* LONGHI, Raquel; LOVATO, Anahí e GIFREU, Arnau. **Narrativas Complexas** - 1a edição - Aveiro: Ria Editorial, 2020.

MALDONADO-TORRES, N. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MAPBIOMAS BRASIL. <https://mapbiomas.org/>, 2022.

MARTINS, Elaide. Ativismo e Resistência em tempos de pandemia. As narrativas de coletivos jornalísticos sobre a Amazônia Brasileira. *In*: SARDINHA, Antonio; LIMA, Verônica M. A.; LARA, Eloina C.; BELMONTE, Valeria. (Orgs.) **Decolonialidade, Comunicação e Cultura**. Macapá-AP: Editora UNIFAP, 2022. Disponível em: <http://observatoriodh.com.br/wp-content/uploads/2022/08/decolonialidade-comunicacao-e-cultura.pdf>

MARTINS, Elaide; CASTRO, Mariana; FECURY, Isabelle. Transmídia e Redes Sociais: aspectos da inovação no telejornalismo. **Revista Observatório**, UFT, v. 4, n. 3, mai 2018. | ISSN 2447-4266.

MARTINS, Elaide. Modos e sentidos da inovação no jornalismo. **Comunicação & Inovação**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USCS, São Caetano do Sul, v. 39, n. 19, jan/abr 2018.

MARTINS, Elaide. Narrativas Jornalísticas e Ativismo Midiático: a notícia pelo lado de dentro. **Comunicação & Sociedade** – São Bernardo do Campo, v. 40, n. 1, p. 335-366, jan/abr 2018.

MARTINS, Elaide; SOUSA, Maíra. Trajetórias, objetos e concepções: Jornalismo e inovação em 20 anos de pesquisa na Compós. **Comunicação & Inovação** | São Caetano do Sul, SP, v. 22, n. 49 p. 119-136 | 2021 | ISSN 2178-014.

MEIRA, Silvio. **Novos negócios inovadores de crescimento empreendedor no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MENEZES, Antônio; MELO, Rostand. Realidade Virtual em 360° e Inovação no Jornalismo Nordestino: Potencialidades e ausências. *In Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 42°, Anais, Belém, 2019.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - RBCS v. 32 n. 94 jun./2017.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom, Anais, Rio de Janeiro, 2005. p. 05-09.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

NUNES, Ana Cecília Bisso; MILLS, John. Inovação em Jornalismo: como os media labs estão moldando o futuro da mídia e do jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 17, n. 3, p. 652-679, 2021.

QUINAUD, Adriana, LUMINI, Milena; BALDESSAR, Maria José. Contribuições do Design Thinking à inovação no jornalismo - o caso Hearken. Estudos em jornalismo, **Revista Pauta Geral**, v.5, i1.0003.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina1. **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais–Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

SAMPAIO, RF; MANCINI MC. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. 11 n. 1, 2007 ISSN 1413-3555 **Estudos de revisão sistemática** 83. Ver. Bras. Fisioter., São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SCOLARI, Carlos. **Narrativas transmedia**. Cuando todos los medios cuentan. Barcelona: Deusto, 2013.

SINGER, Jane. Sem medo do futuro: ética do jornalismo, inovação e um apelo à flexibilidade **Comunicação e Sociedade**, v. 25, 2014, pp. 49 – 66.

SOUZA, Márcio. **Amazônia indígena**. Editora Record, São Paulo, 2015.

SOUZA, Pedro e SILVEIRA, Letícia. Experiências de Inovação no Jornalismo Digital: um estudo de caso do Jornal Nexo. **Parágrafo**. Jan/jun. 2017 v.5, n.1 (2017) - ISSN: 2317-4919.

STORCH, Laura. Concepções sobre inovação no jornalismo: tendências nas pesquisas entre 2017 e 2019. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 18, n. 1, jan/jun 2021 - ISSN: 1984-6924.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico. Uma investigação sobre Lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

ROSSETTI, R. Categorias de inovação para os estudos em comunicação. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v.14 n. 27, p. 63-72, jul./dez. 2013.

TRÄSEL, Marcelo; MIELNICZUK, Luciana. Jornalismo guiado por dados como inovação profissional e seus desafios para a educação. **Contemporânea: comunicação e cultura**, v.15, n.02, maio/ago 2017 – p. 609-629 | ISSN: 1809-9386

VARONI, Pedro. Inovar em jornalismo é causar impacto social. *In* **Observatório da Imprensa**. 2017, *online*. Acesso em: 26 jan. 2019.

VENTURA, Mauro; ITO, Liliane. Inovação no jornalismo brasileiro: o caso das reportagens multimídia TAB, do Uol. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS v. 17, n. 35 (121-134) set/dez 2016.